

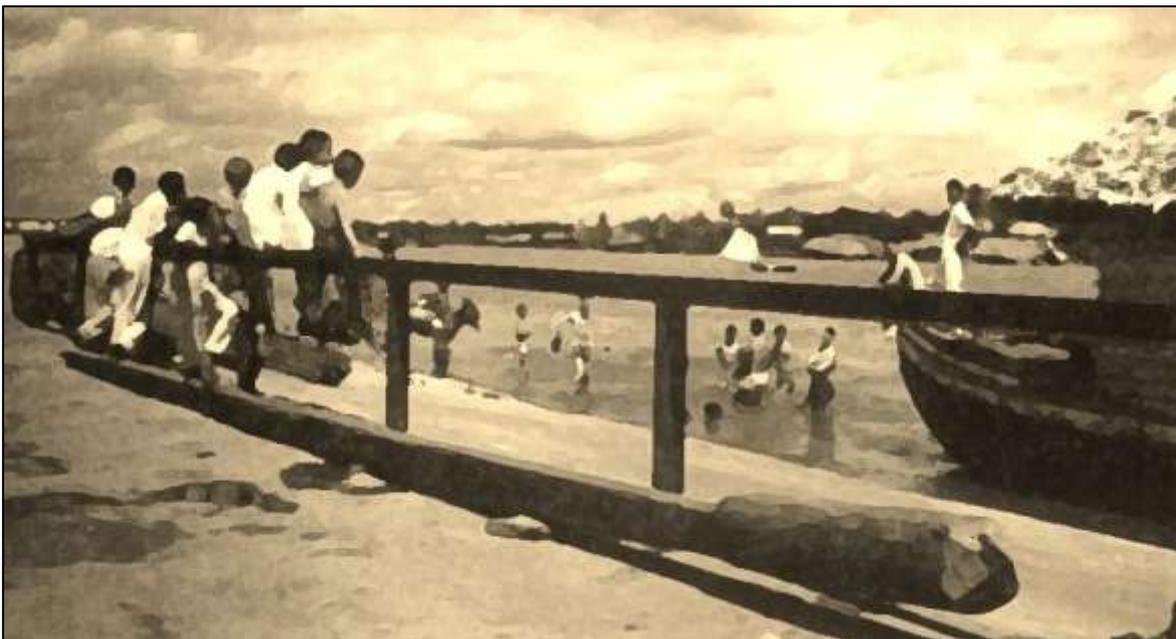


**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
(PPGGEO)**



O LUGAR GEOGRÁFICO EM “BEIRA RIO BEIRA VIDA”, DE ASSIS BRASIL

TIAGO CAMINHA DE LIMA



Teresina - Piauí

Fevereiro – 2017

TIAGO CAMINHA DE LIMA

O LUGAR GEOGRÁFICO EM “BEIRA RIO BEIRA VIDA”, DE ASSIS BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGGEO da Universidade Federal do Piauí - UFPI/Campus Ministro Petrônio Portela para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço e Educação Geográfica.

Orientadora: Prof^a. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana

Teresina - Piauí

Fevereiro - 2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

L732l Lima, Tiago Caminha de.

O lugar geográfico em “Beira Rio Beira Vida”, de Assis
Brasil / Tiago Caminha de Lima. – 2017.

87 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade
Federal do Piauí, 2017.

Orientação: Profa. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana.

CDD B869.3

Nome: LIMA, Tiago Caminha de.

Título: O LUGAR GEOGRÁFICO EM "BEIRA RIO BEIRA VIDA", DE ASSIS BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço e Educação Geográfica.

Aprovada em: 22 / 02 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Bartira Araújo da Silva Viana

Prof. Dra. Bartira Araújo da Silva Viana - UFPI
(Presidente)

A Scabello

Prof.ª. Dra. Andrea Lourdes Monteiro Scabello - UFPI
(Examinadora Interna)

Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

Prof.ª. Dra. Elisabeth Mary de Carvalho Baptista - UESPI
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Antônio Cardoso Façanha - UFPI
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar paz e força para elaborar este trabalho.

Aos meus pais, Severino José de Lima e Mariza Caminha de Lima, pela confiança depositada.

Aos meus irmãos, Tales Caminha de Lima e Talanes Caminha de Lima, pelo incentivo depositado todos os dias.

Aos amigos e amigas de todas as horas.

À Universidade Federal do Piauí, pela oportunidade oferecida.

Aos professores (as) Bartira Araújo da Silva Viana, Elisabeth Mary de Carvalho Baptista, Liége de Sousa Moura, Maria Tereza de Alencar, Raimundo Lenilde de Araújo e Gustavo Souza Valladares, por acreditar em mim e pela competência em ajudar nesta pesquisa.

Meu agradecimento a Roneide Sousa pelo geoprocessamento e diagramação das figuras de representação espacial.

Aos colegas de mestrado, pela amizade, troca de ideias, pelos momentos festivos e pelo convívio no decorrer do Curso.

Aos membros da banca examinadora, que aceitaram o convite para avaliar e colaborar com este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por contribuir financeiramente durante parte deste trabalho.

Muito obrigado!

“O que eu faço, é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor”.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Para a compreensão das múltiplas dinâmicas que se manifestam no espaço, é necessário um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Para isso, faz-se necessário compreender a realidade a partir das condições pelas quais se apresenta. Na relação entre a Geografia e Literatura, observa-se a valorização e a inter-relação do espaço geográfico mediante a experiência do homem no mundo por meio da vida diária, situando sua condição no momento em que ele se apropria do mundo, no cotidiano através das experiências e dos sentimentos de pertencimento ao espaço. Para tanto, busca-se responder ao seguinte questionamento: De que forma o sentido do lugar geográfico destaca-se no romance *Beira Rio Beira Vida* na construção dos valores e da identidade dos personagens, a partir da experiência adquirida no referido espaço do enredo? Assim, destaca-se que a Literatura, por meio de suas obras, possui um olhar particular sobre o mundo, de maneira que não substitui outros campos do saber, a exemplo dos conhecimentos da Geografia. Deve haver, portanto, um complemento e a valorização do diálogo entre estas áreas. Partindo dessa premissa, o presente estudo vislumbra como objetivo geral: a) analisar o sentido do lugar geográfico, expresso no cotidiano dos personagens da obra literária *Beira Rio Beira Vida*, de Francisco de Assis Almeida Brasil, a partir da compreensão da articulação entre o narrador, os personagens, o cais e o enredo da obra. Os objetivos específicos são: a) Discutir a relação do lugar geográfico na condição de situar a perspectiva da experiência/vivência humana; b) Entender as distintas formas de apropriação do lugar geográfico, por meio das ações dos personagens da obra *Beira Rio Beira Vida*; c) Discorrer a identidade espacial expressa na obra de Assis Brasil, através das experiências vividas pelos personagens, assim como o sentido do lugar geográfico presente na obra. Para tanto, os procedimentos teóricos e metodológicos da pesquisa constituem-se no levantamento bibliográfico das obras de Assis Brasil, fundamento importante para basear o literário no geográfico. Esta pesquisa foi fundamentada ainda no pensamento de Tuan (1983), Holzer (1992), Claval (1999), Brosseau (2007), Correa e Rosendahl (2007), Marandola Junior (2009), Lívia de Oliveira (2014), entre outros. Esta análise foi realizada por meio do método de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011). A opção por este método justifica-se por ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, códigos (quantitativos ou não), os quais permitem a inferência de informações relativas às condições de produção/recepção destas mensagens. Nesse sentido, o romance *Beira Vida* destaca-se pela construção dos valores e identidade dos personagens a partir da experiência adquirida no espaço do enredo. Esta construção relaciona-se intensamente com o movimento da *Beira Rio*, em especial ao cais, principal espaço de articulação dos personagens na obra. Os personagens desta história estão na *Beira Vida*, marginalizados no cais, visto pela sociedade conservadora como um lado negativo da cidade, como pessoas incapazes de inter-relações com outros meios e "presas" ao ambiente da vivência no cais.

Palavras-chave: Geografia Humanista. Geografia Cultural. Geografia e Literatura. Lugar. Identidade.

ABSTRACT

To understand the multiple dynamics that take place in space it is necessary a dialogue among the numerous areas of knowledge. For this, it is necessary to understand the reality from the conditions by which they present themselves. In the relation between Geography and Literature one observes the valorization and the inter-relation of the geographic space from the experience of the man in the world through the daily life, situating his condition in the moment in which this one appropriates of the world, in the quotidian through experiences and feelings of belonging to the space. In order to do so, we try to answer the following question: How does the meaning of the geographical place stand out in the novel *Beira Rio Beira Vida* in the construction of the values and the identity of the characters, based on the experience acquired in the said space of the plot? Thus, it is emphasized that Literature through its works has a particular view of the world, not replacing other fields of knowledge, as well as the knowledge of Geography, and there must be a complement and appreciation of the dialogue between them. Starting from this premise, the present study envisages as a general objective: a) to analyze the meaning of the geographical place, expressed in the daily life of the characters of the *Beira Rio Beira Vida* literary work of Francisco de Assis Almeida Brasil, from the understanding of the articulation between the narrator, The characters, the quay and the plot of the literary work. The specific objectives are: a) To discuss the relation of the geographical place in the condition to situate the perspective of the human experience / experience; b) To understand the different forms of appropriation of the Geographical Place through the actions of the characters of the *Beira Rio Beira Vida* work; c) Describe the spatial identity expressed in the work of Assis Brasil, through the experiences lived by the characters, as well as the meaning of the geographical place present in this literary work. For this, the theoretical and methodological procedures of the research are based on the bibliographical survey of the works of Assis Brasil, an important foundation to base the literary in the geographic. This research was based on Tuan (1983), Holzer (1992), Claval (1999), Brosseau (2007), Correa and Rosendahl (2007), Marandola Junior (2009), Livia de Oliveira), Among other authors. The present analysis was carried out using the proposed content analysis method by Bardin (2011) regarding a set of communication analysis techniques aiming to obtain, by systematic and objective procedures for describing the content of messages, codes (quantitative or non-quantitative) that allow the inference of information regarding the conditions of production / reception of these messages. In this sense, the aforementioned novel stands out by the construction of the values and identity of the characters from the experience acquired in the mentioned space of the plot. This construction is closely related to the *Beira Rio* movement, especially to the quay, the main space for articulation of the characters in the work. The characters of this story are in *Beira Vida*, marginalized on the quay, seen by conservative society as a negative side of the city, as people unable to interrelate with other means and "trapped" to the environment of living on the quayside.

Keywords: Humanist Geography. Cultural Geography. Geography and Literature. Place. Identity.

RESUMEN

Para la comprensión de las múltiples dinámicas que se producen es necesario un diálogo entre las distintas áreas de conocimiento. Para esto, es necesario entender la realidad de las condiciones en las que se presentan. En la relación entre la geografía y la literatura se observa la apreciación del espacio geográfico y la interrelación de la experiencia humana en el mundo a través de la vida cotidiana, la colocación de su condición en el momento en que se apropia el mundo en el día a día a través de las experiencias y sentimientos de pertenencia al espacio. Por lo tanto, buscamos responder a la siguiente pregunta: ¿Cómo funciona el sentido del lugar geográfico se encuentra en la novela *Beira Rio Beira Vida* en los valores y la identidad de los personajes, a partir de la experiencia adquirida en esa zona de la trama? Por lo tanto, se hace hincapié en que la literatura a través de sus obras, tiene un aspecto particular del mundo, no la sustitución de otros campos del conocimiento, así como el conocimiento de la geografía, debe ser un complemento y mejora del diálogo entre ellos. A partir de esta premisa, este estudio contempla como objetivo general: a) analizar el sentido de lugar geográfico, expresado en la vida cotidiana de los personajes de la obra literaria *Beira Rio Beira Vida* de Francisco de Assis Almeida Brasil, desde la comprensión de la relación entre el narrador, los personajes, el muelle y la trama de la obra. Los objetivos específicos son: a) Analizar la relación entre el lugar geográfico en la condición de situar el punto de vista de la experiencia / la experiencia humana; b) Comprender las distintas formas de apropiación del lugar geográfico, a través de las acciones de los personajes de la obra *Beira Rio Beira Vida*; c) discutir la identidad espacial expresada en la obra de Assis Brasil a través de las experiencias de los personajes, así como el significado de este lugar geográfico en esta obra literaria. Por lo tanto, los procedimientos teóricos y metodológicos de la investigación se basan en las obras de la literatura de Assis Brasil, una base importante para la base literaria en el geográfico. Esta investigación también se basó en la idea de Tuan (1983), Holzer (1992), Claval (1999), Brosseau (2007), Correa y Rosendahl (2007), Marandola Junior (2009), Livia de Oliveira (2014), entre otros autores. Este análisis se realizó a través del método de análisis de contenido propuesto por Bardin (2011) en relación con un conjunto de técnicas de análisis de comunicaciones para obtener, a través de procedimientos sistemáticos y descripción de los objetivos del contenido de los mensajes, códigos (o cuantitativa no) que permiten la inferencia de la información relativa a las condiciones de producción / recepción de estos mensajes. En este sentido, la novela que destaca por los valores y la identidad de los personajes de la experiencia adquirida en esa zona de la trama. Esta construcción está fuertemente relacionada con el movimiento de la *Beira Rio*, especialmente el muelle, el espacio principal de la articulación de los personajes de la obra. Los personajes de esta historia están en *Beira Vida*, marginados en el muelle, vistos por la sociedad conservadora como un aspecto negativo de la ciudad, como personas incapaces de interrelaciones con otros medios y "pegado" en el ambiente del muelle.

Palabras clave: Geografía humanista. Geografía cultural. Geografía y Literatura. Lugar. Identidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadros

| | | |
|----------|--|----|
| Quadro 1 | Principais referenciais bibliográficos da pesquisa. | 15 |
| Quadro 2 | Síntese dos elementos da Tetralogia Piauiense (Assis Brasil). | 61 |
| Quadro 3 | Apresentação dos personagens da obra <i>Beira Rio Beira Vida</i> . | 67 |
| Quadro 4 | Experiências e Identidade Espacial - Cremilda | 74 |
| Quadro 5 | Experiências e Identidade Espacial - Luiza | 75 |
| Quadro 6 | Experiências e Identidade Espacial – Mundoca | 77 |
| Quadro 7 | Experiências e Identidade Espacial – Jessé | 78 |
| Quadro 8 | Experiências e Identidade Espacial – Nuno | 79 |

Figuras

| | | |
|----------|--|----|
| Figura 1 | Desenvolvimento da análise de conteúdo. | 16 |
| Figura 2 | Método de análise de conteúdo proposto na pesquisa. | 18 |
| Figura 3 | Síntese dos conceitos - chaves da ciência geográfica | 33 |
| Figura 4 | Fotografia da Igreja de São Gonçalo de Amarante - Piauí | 48 |
| Figura 5 | Fotografia de Vista da Chapada de São Francisco do Maranhão (Cidade vizinha a Amarante-PI) juntamente com o rio Parnaíba | 49 |
| Figura 6 | Localização geográfica do município de Parnaíba-Piauí | 66 |
| Figura 7 | Espaços e lugares em <i>Beira Rio Beira Vida</i> de Assis Brasil | 69 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | A GEOGRAFIA CULTURAL VIS-À-VIS A GEOGRAFIA HUMANISTA: OS FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DO LUGAR | 20 |
| 2.1 | Perspectivas e debates que envolvem a leitura do lugar | 20 |
| 2.2 | O lugar na Geografia Humanista | 34 |
| 2.3 | Geografia Cultural e suas múltiplas linguagens | 40 |
| 2.4 | O lugar na Literatura: nexos entre Geografia, cultura e identidade | 50 |
| 3 | UM “MERGULHO” NA OBRA <i>BEIRA RIO BEIRA VIDA</i>: LUGAR GEOGRÁFICO E IDENTIDADE ESPACIAL | 56 |
| 3.1 | As noções de <i>espaço</i> e <i>lugar</i> na Tetralogia de Assis Brasil | 56 |
| 3.2 | A obra literária <i>Beira Rio Beira Vida</i>: lugar e identidade espacial | 64 |
| 3.2.1 | <i>Beira Rio</i> , experiências cotidianas, lugar e identidades espaciais. | 67 |
| 3.2.2 | <i>Beira Vida</i> e a marginalização da vida | 73 |
| 4 | CONCLUSÃO | 81 |
| | REFERÊNCIAS | 83 |

1 INTRODUÇÃO

São múltiplas as possibilidades para definir o termo lugar, seja por conceitos objetivos ou subjetivos. Esta expressão é uma das ideias estabelecidas a qual possui relevante fundamento para a ciência geográfica, tendo em vista que a noção de lugar estabeleceu sentindo para esta ciência por meios dos estudos da relação entre o global/local/global. O lugar é constituído a partir das experiências e significados — envolve emoções e o entendimento — num processo de relação geográfica do corpo com o meio, a cultura, a história e as relações sociais dos povos que convivem nesse ambiente. Assim, a geografia surge como forma de ampliar a visão sobre as distintas relações operantes e resultantes da dicotomia homem-mundo. De tal maneira, observa-se o desenvolvimento do termo cultura, resultante da inter-relação de diferentes grupos em determinados espaços.

Todavia, a geografia no âmbito cultural fornece uma crítica na utilização do meio ambiente pela humanidade que pode iluminar e orientar o desenvolvimento do homem e a experiência do espaço (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007). Por meio da Geografia Cultural, percebe-se a necessidade de assegurar estudos que visam o entendimento sobre as diferentes esferas sociais, nas perspectivas ideológicas, econômicas, políticas, religiosas e naturais.

Logo, em conformidade com a ciência, registra-se a contribuição para o embasamento teórico referente à Geografia Humanista que se destaca ao inserir os sujeitos no centro dos trabalhos de inúmeros geógrafos, evocando a fenomenologia. A busca pela compreensão dos sentimentos dos indivíduos em relação ao espaço e lugar, onde estes possuem experiência de vivência, é o principal fundamento estabelecido nesta corrente de pensamento. Sobre esse assunto, Tuan (2013) destaca que a Geografia Humanista busca o entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias do espaço e do lugar.

Por conseguinte, diante do estudo realizado nesta corrente, observou-se a valorização da categoria lugar. Vale lembrar-se que o reconhecimento desta categoria mostra-se ao mundo vívido e à dimensão da experiência geográfica, em virtude dos sentimentos na relação homem e meio. Estas características foram evidenciadas a partir dos estudos que envolvem os pressupostos teóricos entre a Geografia Humanista e a Geografia Cultural. Na relação entre estas correntes de pensamentos desenvolveram-se algumas pontes que estabelecem relações entre elas, a exemplo do conceito de *cotidiano*, *identidade*, *sentido de lugar* e *experiência*. Nesse sentido, cita-se Tuan (2013, p.07) ao definir que “lugar é construído a partir da

experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem”.

Diante disso, é possível inferir que, para a compreensão das múltiplas dinâmicas que se dão no espaço, é necessário um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Na relação entre a Geografia e Literatura, observa-se a valorização e a inter-relação do espaço geográfico a partir da experiência do homem no mundo diário, o qual situa sua condição no momento em que se apropria do mundo (no cotidiano), através das experiências e dos sentimentos de pertencimento ao espaço.

Nesse sentido, em meio às diversas áreas do conhecimento que estão atreladas à Geografia, sobressaem-se os debates que envolvem as produções da Literatura como subsídio para a ampliação da compreensão das análises ensejadas no âmbito da ciência geográfica. Nesta perspectiva, os estudos envolvendo a Geografia e a Literatura alcança expressividade, a partir do momento em que pode-se realizar a análise e a compreensão do espaço geográfico e suas categorias (lugar, região, paisagem, território, redes).

O estudo do espaço e do lugar retratado nas obras literárias não traz apenas um perfil de subjetividade, mas também, a realidade que a cerca, ou seja, as características peculiares do lugar retratado na ficção. Dessa forma, verifica-se que as obras literárias descrevem conjunturas que permitem a identificação das experiências vividas em contextos diversos, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, a exemplo da obra *Beira Rio Beira Vida*. Há, portanto, uma contribuição para a promoção de releituras do espaço e lugar, a partir de perspectivas com objetivos específicos e complementares.

Nota-se o uso da categoria geográfica (lugar) entrelaçada à obra literária. A Geografia, como ciência, busca estudar o espaço geográfico de maneira ampla, torna-se interdisciplinar quando é possível inseri-la em outras áreas. Por isso, é notável a crescente ligação da Geografia com os demais campos do conhecimento. Assim, acredita-se que as discussões que ocorrem no âmbito da ciência geográfica mostram um campo de conhecimento dinâmico, somado com novas formas de abordagens.

Essa compreensão das associações entre a Geografia e a Literatura é compreendida por Marandola Junior e Oliveira (2009, p. 488) ao afirmarem “que a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar”. Por esta via, muito tem se discutido a partir das noções dos conceitos geográficos, tanto em sentido conceitual quanto metafórico.

Ressalta-se que a Literatura, através de suas obras, possui como proposta uma visão particular do mundo. Ela não deve substituir a Geografia, mas sim, considerá-la como complemento, contribuindo para a valorização do diálogo entre essas duas áreas do conhecimento. Nesse sentido, reconhecendo a relevância da relação entre a Geografia e a Literatura, optou-se neste trabalho por analisar o sentido do lugar geográfico na obra literária *Beira Rio Beira Vida* (Em relação à obra *Beira Rio Beira Vida* vale ressaltar que a mesma foi escrita e publicada no ano de 1965 - 1ª Edição. Na presente pesquisa foi utilizada a 14ª Edição da obra, publicada no ano de 2012, através da Fundação Quixote), de Francisco de Assis Almeida Brasil. Este romance destaca-se pela construção dos valores e da identidade dos personagens e do narrador, a partir da experiência adquirida no *lugar* do enredo. Esta construção relaciona-se intensamente com o movimento do *Beira Rio*, em especial ao cais, principal espaço de articulação dos personagens na obra. A obra inicia seu diálogo e se constitui a partir deste espaço, que se constitui no mais importante ambiente de vivência dos personagens.

Assim, a problemática que norteia este trabalho configura-se na análise do sentido do lugar geográfico expresso da obra *Beira Rio Beira Vida*, de Francisco de Assis Almeida Brasil, por meio dos fundamentos da Geografia Humanista e Cultural. Tem-se a preocupação de verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição dos sujeitos no lugar rebatido na vida diária dos personagens. Para tanto, busca-se responder ao seguinte questionamento: De que forma o sentido do lugar geográfico destaca-se no romance na construção dos valores e da identidade dos personagens, a partir da experiência adquirida no referido espaço do enredo?

Para responder tal questão, delimitou-se o seguinte **objetivo geral**: analisar o sentido do lugar geográfico, expresso no cotidiano dos personagens, a partir da compreensão da articulação entre o narrador, os personagens, o espaço (cais) e o enredo da obra. No que concerne aos **objetivos específicos**, foram definidos três, quais sejam: a) Discutir a relação do lugar geográfico para situar a perspectiva da experiência/vivência humana; b) Entender as distintas formas de apropriação do lugar geográfico, por meio das ações dos personagens da obra; e, c) Discorrer a identidade espacial expressa na obra de Assis Brasil, através das experiências vividas pelos personagens, assim como o sentido do lugar geográfico presente nesta obra literária.

Os procedimentos metodológicos, para esta análise, foram compostos pelo levantamento e fichamento do referencial teórico, constituído pelas obras em análise e seus autores, como descrito no Quadro 1.

Quadro 1 - Principais referenciais bibliográficos da pesquisa.

| AUTORES (AS) | ANO | ABORDAGEM |
|--------------------|-----------|--|
| Moraes | 2007 | Questões epistemológicas referentes à evolução do pensamento geográfico. |
| Capel | 2008 | |
| Corrêa e Rosendahl | 2007-2014 | O aporte teórico relacionado à Geografia Cultural |
| Claval | 2010 | O diálogo entre a ciência geográfica e a arte literária |
| Brosseau | 2007 | |
| Marandola Junior | 2010 | |
| Dardel | 2011 | O pensamento e os direcionados que envolvem a Geografia Humanista |
| Holzer | 2012 | |
| Marandola Junior | 2012 | |
| Oliveira | 2012 | As ideias a respeito do sentido de lugar na perspectiva humanista |
| Tuan | 2012-2013 | |

Fonte: Organizado pelo autor (2016).

A modalidade da pesquisa a ser utilizada é a qualitativa, pois esta abordagem considera o ambiente natural como fonte direta de dados, o pesquisador como principal instrumento, além disso, pressupõe a existência de uma relação dinâmica entre a realidade e o sujeito (GIL, 2009). Nesse sentido, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, para que o pesquisador se situasse no universo da literatura especializada. Para tanto, houve a consulta de materiais já elaborados em relação aos temas que são abordados nesta pesquisa. Configuraram-se materiais de consulta: livros, teses, dissertações e artigos científicos. Sobre esta modalidade de pesquisa, Gil (2009) afirma que a principal vantagem reside no fato de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia ser pesquisada diretamente.

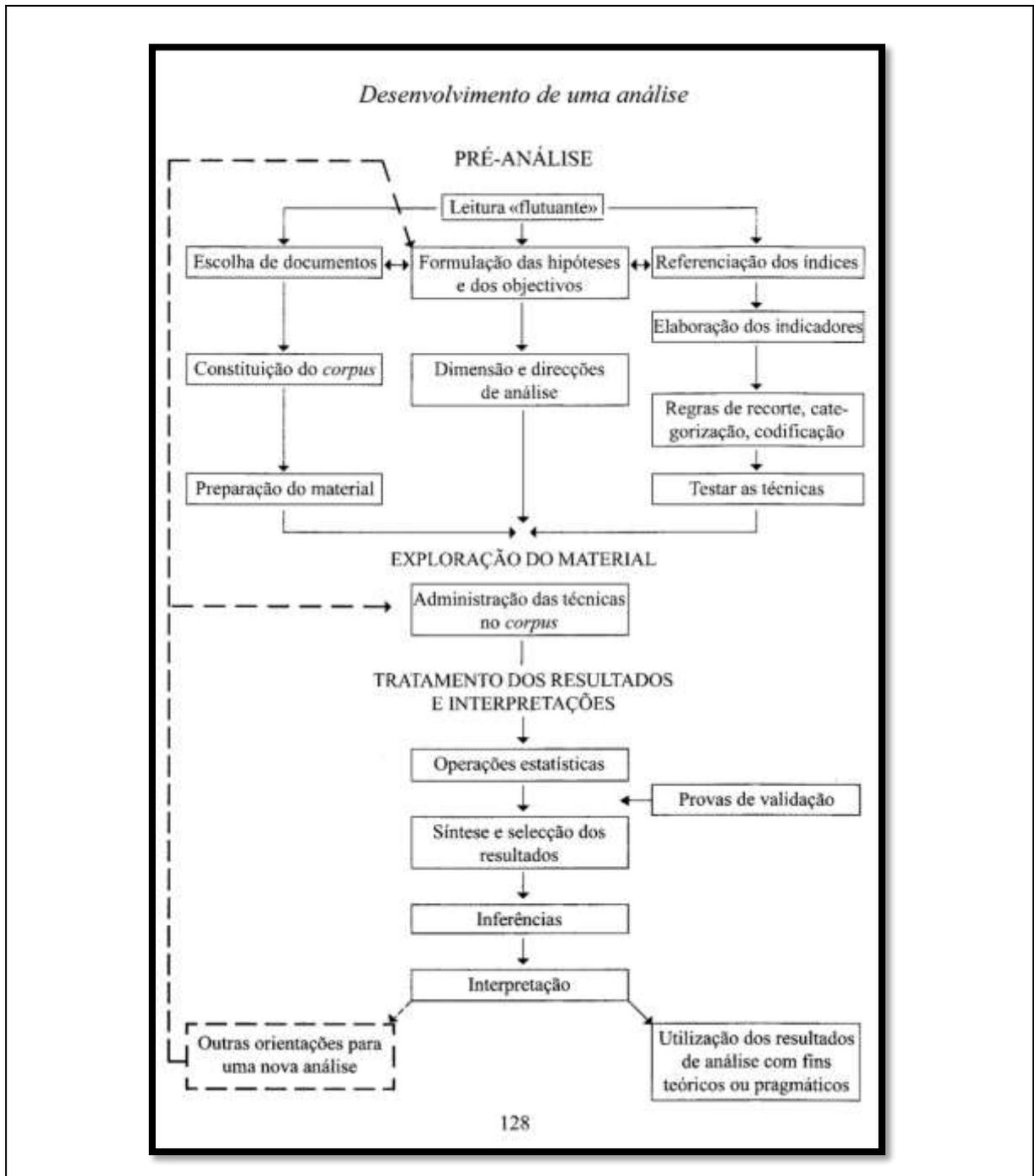
A pesquisa foi operacionalizada por meio do método “Análise de Conteúdo”, proposto por Bardin (2011). Esta análise é utilizada desde as primeiras tentativas das sociedades de interpretar as escritas, a exemplo dos livros sagrados. Deste modo, observa-se que este método constitui-se, segundo Bardin (2011, p. 47) como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

De maneira geral, considera-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento auxilia a ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas. Com o intuito de tornar mais claro a

sequência dos passos previstos no método de análise de conteúdo, apresenta-se a ilustração, proposta por Bardin (1977), através das seguintes etapas, constantes na Figura 1.

Figura 1 - Desenvolvimento da análise de conteúdo.



Fonte: Bardin (1977).

A “Análise de Conteúdo” define-se como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto” (BARDIN, 2011, p. 31). Além de propor uma abordagem

teórica dos estudos da linguagem, evidenciando como as construções do conteúdo, no caso o conteúdo literário, influenciam na compreensão dos sujeitos sociais, assim como a relevância humana no processo de compreensão do cotidiano na relação entre homem e sociedade. Acredita-se que a “Análise de Conteúdo” possibilite a percepção de sentidos, conforme a interlocução e as posições sociais as quais estão inseridos os sujeitos. Destaca Chizzotti (2006, p. 114) que:

A “Análise de Conteúdo” é dentre as diferentes formas de interpretações o conteúdo de um texto que se desenvolveu, adotando normas sistemáticas de extrair os significados temáticos ou os significantes lexicais. Consiste em relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou ideias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor.

Assim, por meio das ideias que um texto possui sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas (CHIZZOTTI, 2006). Deste modo é importante apresentar que a “Análise de Conteúdo” construiu um conjunto de métodos e técnicas de extrair o sentido de um texto por meio das unidades elementares que compõem produtos documentários: palavras-chaves, léxicos, termos específicos, categorias, temas e semantemas, procurando identificar a presença ou constância dessas unidades para fazer inferências e extrair significados inscritos no texto a partir de indicadores objetivos (CHIZZOTTI, 2006).

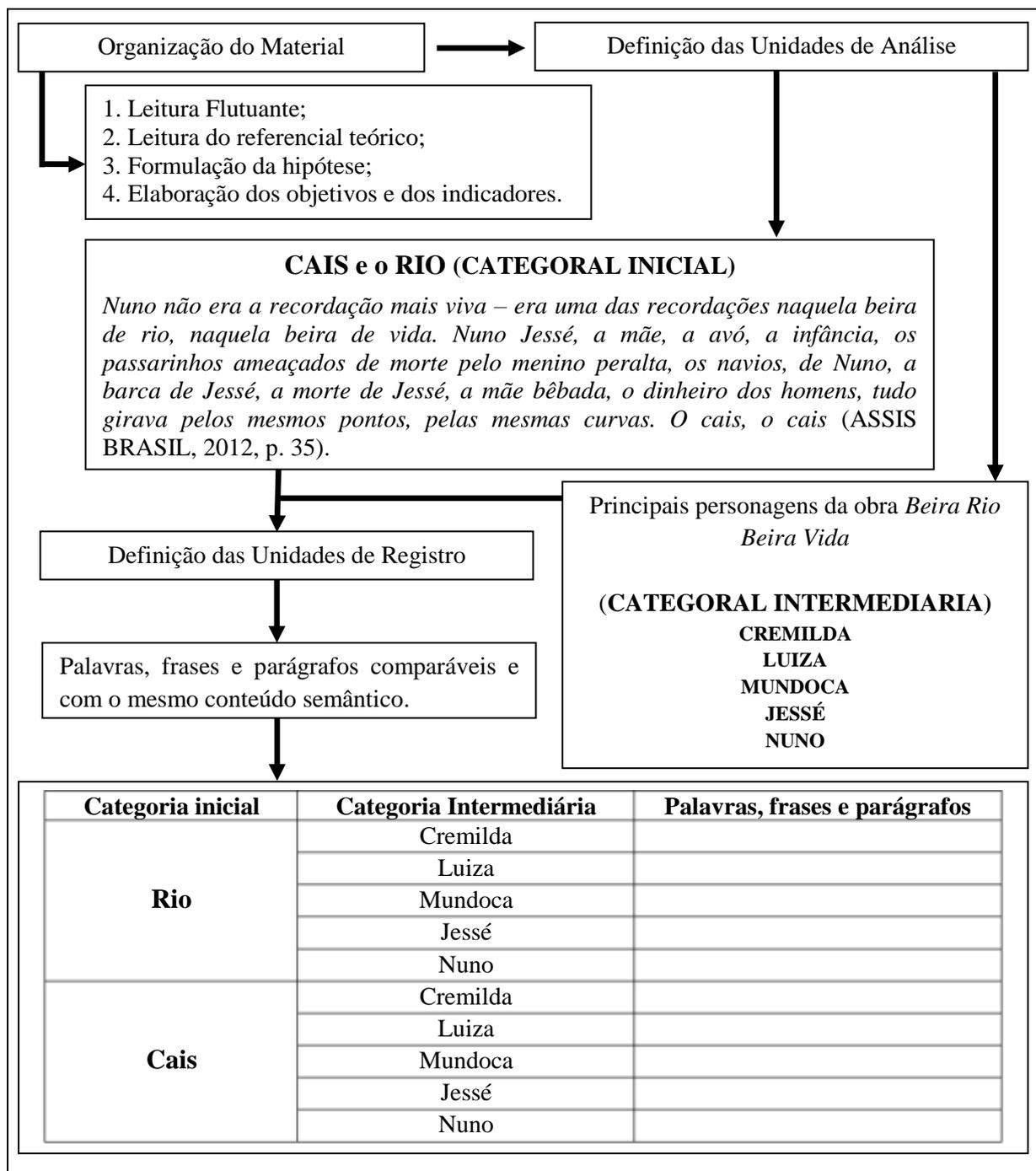
Assim a “Análise de Conteúdo” parte da ideia de um conjunto de palavras, um vocábulo que é uma unidade discreta do texto, constitui, uma síntese condensada da realidade e a frequência de uso pode revelar a concepção de seu emissor, os seus valores, opções, preferências (CHIZZOTTI, 2006). Assim descreve o respectivo autor que:

O critério fundamental na “Análise de Conteúdo” é o fragmento singular do texto: a palavra, termo, considerando-os como a menor unidade textual e, como tal, passível de se analisar a frequência com que aparecem no texto, a fim de se estabelecer correlações significativas entre as unidades e extrair conteúdo relevante da mensagem (CHIZZOTTI, 2006, p. 117).

Assim, estes termos ou palavras inscritos nos textos são reunidas em categorias. Essas categorias estão relacionadas a um agrupamento de palavras ou a um campo do conhecimento, em função da qual o conteúdo é classificado, quantificado, ordenado ou qualificado. Chizzotti (2006) destaca que a formulação das categorias é importante para alcançar os objetivos pela qual se pretende, pois devem estar claramente definidos e serem pertinentes aos objetivos pretendidos na pesquisa, a fim de condensar um significado a partir

de unidades vocabulares. Vale ressaltar que a definição das categorias depende da natureza da pesquisa e das particularidades dos dados. Com a intenção de tornar mais objetivo à cronologia dos passos previstos por meio do método de análise de conteúdo, apresenta-se a ilustração, proposto na pesquisa, na Figura 2.

Figura 2 - Método de análise de conteúdo proposto na pesquisa.



Fonte: Organizado pelo autor (2016).

Quanto à estrutura, este trabalho organiza-se em três seções. A primeira seção refere-se a esta introdução, a qual apresenta a problematização, a justificativa, os objetivos (geral e

específicos) e a metodologia empregada neste trabalho. Ademais, apresenta as principais referências bibliográficas utilizadas.

A segunda seção intitulada *A Geografia Humanista vis-à-vis a Geografia Cultural: os Fundamentos para a compreensão do lugar*. Nesta seção, apresenta-se uma discussão teórico-metodológica das bases que fundamentam a proposta da pesquisa, os nexos envolvendo a Geografia Cultural e a Geografia Humanista, além das bases que envolvem o lugar. Consideram-se, assim, as orientações de teóricos que discutem diretamente a temática. Esta investigação permitirá e facilitará a análise do sentido do lugar geográfico. Nesta seção, também serão debatidas algumas interlocuções que abraçam a relação Geografia e Literatura, com a finalidade de envolver a relação entre a ciência geográfica, cultura e identidade.

A terceira seção intitula-se *Um “mergulho” na obra Beira Rio Beira Vida: lugar geográfico e identidade espacial*. Nesta parte, discute-se o espaço e o lugar presente na tetralogia piauiense de Assis Brasil. Além disso, disserta-se a respeito das influências dos ideais e pensamentos propostos pelo movimento Regionalista, que teve como precursores: Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Rachel de Queiroz. Este movimento influenciou Assis Brasil a escrever e publicar diversas obras, tendo como principal espaço a cidade de Parnaíba - Piauí. O foco principal desta seção é a análise da obra literária *Beira Rio Beira Vida*.

Em síntese, observa-se que a experiência de vida dos personagens constrói-se no principal espaço da obra, o cais. Aborda-se as vivências e experiências dos personagens marginalizados pela sociedade urbana parnaibana, no início da segunda metade do século XX. Esta análise fundamenta-se em pressupostos teóricos relacionados ao lugar geográfico e à geografia humanista.

2 A GEOGRAFIA CULTURAL VIS-À-VIS A GEOGRAFIA HUMANISTA: OS FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DO LUGAR

Nesta seção será apresentada uma discussão teórico-metodológica das bases que fundamentam a proposta da pesquisa, além dos nexos envolvendo a Geografia Humanista e a Geografia Cultural, assim como os fundamentos que envolvem a compreensão do lugar geográfico. Para tanto, serão consideradas aqui as orientações de autores que discutem diretamente a temática. Estas perspectivas teóricas são imprescindíveis para a análise do sentido do lugar geográfico. Neste capítulo, também serão propostas algumas pontes que abrangem a Geografia e Literatura, com a finalidade de compreender a relação entre a ciência geográfica, cultura e identidade.

2.1 Perspectivas e debates que envolvem a leitura do lugar

Cada época da história tem uma forma própria de geografia e um perfil próprio de geógrafo (MOREIRA, 2007, p. 14).

A geografia é uma disciplina complexa, uma ciência constituída de práticas e habilidades a partir de conhecimentos mobilizados na vida diária. A geografia não faz nascer curiosidades, nem ensina atitudes, habilidades ou conhecimentos. Este “universo científico” é resultante dos conhecimentos renovados e das fórmulas imaginadas há muito tempo pelos homens para responder aos imperativos de sua vida cotidiana, dar um sentido as suas existências e compreender o que acontece para além dos horizontes (CLAVAL, 2010).

Desde a Antiguidade, a ciência geográfica contribui com o conhecimento científico por meio de registros cartográficos das etnias e territórios. Viajantes e comerciantes requeriam do geógrafo informações de caráter estratégico que os orientassem em seus deslocamentos no interior dos modos espaciais de vida de cada povo (MOREIRA, 2007). A partir desta ótica, Claval (2010, p. 20) descreve que:

A socialização da orientação não se exprime somente através da aprendizagem ou do ensino que as habilidades e os conhecimentos adquiridos nesse campo transmitem de geração a geração. Ela se manifesta pelos nomes dados aos lugares, o que torna possível sua menção e favorecem sua memorização.

A influência da filosofia grega encontra-se presente nas raízes da ciência geográfica, visto que, no período da antiguidade Clássica, destaca-se o rótulo “Geografia”, remontando

especificamente ao pensamento desta civilização, a exemplo de Heródoto que se preocupou com a descrição dos lugares numa perspectiva regional (MORAES, 2007). Nas civilizações mais antigas, é importante deslumbrar a obra de diversos filósofos ao demonstrar iniciativas voltadas ao caráter científico. Lembrando que este “pensamento científico”, no decorrer da evolução da humanidade, se baseou em mitos. Este seria como um suporte de reflexão e respostas em razão dos acontecimentos naturais e humanos que ocorriam na superfície terrestre (CLAVAL, 2010). Nestas sociedades, foram apontadas temáticas direcionadas à sociedade, à cidade, ao universo e a Terra. Aos poucos, o termo “Geografia” aparece evidente em algumas obras retratadas por eles.

Essa construção geográfica, organizada durante o período da antiguidade grega, foi preservada nos períodos posteriores, influenciando singularmente diversas civilizações. Com o tempo, o “geógrafo” tornou-se um personagem reconhecido. A geografia se fazia contemporânea na bagagem do homem culto e era instruída nas escolas católica e nas academias protestantes. As sociedades dispõem de metodologias que contribuem para que seus membros se localizem e/ou se dirijam a seus destinos. Assim, a Geografia contribui para a orientação, pois necessariamente faz parte de qualquer cultura. Em quaisquer sociedades, os costumes e as regras especificam os direitos de acesso ou de uso de que cada um sobre a terra. Isso torna eficiente a cooperação e permite (graças à permuta) uma especialização, por vezes, muito desenvolvida (CLAVAL, 2010).

No período da Idade Média, a influência da Igreja levou a Geografia a ter uma configuração visual que referenda o imaginário bíblico de um mundo criado por Deus a sua imagem e semelhança. Por isso, a geografia medieval é uma extensão da bíblia, e o geógrafo é um cartógrafo do fantástico (MOREIRA, 2007). Com o Renascimento, a Geografia transformou-se em uma ferramenta de ajuda ao mundo por meio de um sistema matemático-mecânico. O geógrafo transformou-se em um cartógrafo do “movimento dos corpos celestes” em seu rebatimento sobre a superfície terrestre. Esse aspecto foi observado no estudo de Capel (2008). O autor explica que, em suas viagens pelo mundo, Humboldt realizava estudos sistemáticos da natureza, visando estudar a influência do meio e da relação da criação inanimada sobre o mundo animal e vegetal.

No que se referem ao período pós Idade Média, a Geografia nasceu como uma arte útil, mas sem possuir uma identidade própria, uma vez que sobreviveu por tempos à sombra da Cartografia (CLAVAL, 1999). Com o crescimento dos Estados-Nação, a Geografia conseguiu um novo alicerce, pois passou a ser ensinada a todos. A descrição de Maia (2011, p. 163) retrata que:

[...] o início da sistematização do material de observação e de fatos novos utilizados para explicar os fenômenos do globo terrestre é geralmente demarcado no século XVIII. A geografia então realizada era recheada de descrições, mas se detinha principalmente aos tratados cartográficos, topográficos e naturalistas.

A partir dessa sistematização, tornou-se presente a descrição e a observação. Destacam-se as expedições com fim exploratório, que resultavam nas descrições relacionadas ao espaço. O homem podia descrever os fenômenos e os acontecimentos a partir dos relatos decorrentes das expedições, por meio de relatórios estatísticos, agrupando conhecimentos existentes a respeito dos fenômenos naturais, catalogando aspectos referentes aos diversos países do globo (MORAES, 2007).

Assim, segundo Moraes (2007), torna-se evidente o surgimento das descrições com ênfase não apenas o meio físico, mas também, nas descrições referentes aos vários povos. Além disso, estas expedições favoreceram o entrelaçamento de diversas culturas pela superfície terrestre. Toma-se o exemplo da cultura brasileira, resultante da relação entre os grupos indígenas, europeus e africanos. Por meio do relato contido na carta de Pero Vaz de Caminha é possível perceber as primeiras relações portuguesas com os povos indígenas em terras recém “descobertas”. Na carta, o escrivão ressalta tanto aspectos de ordem natural como características no âmbito cultural (costumes, vestimentas, pinturas) dos povos dominantes.

Nessa perspectiva, complementa-se à opinião de Moraes (2007), o pensamento de Claval (1999, p. 30), ao descrever que “a maneira utilizada para abordar a cultura tanto pelos geógrafos como pelos etnólogos e etnógrafos não se diferenciava. Deste modo, é notório a presença desta cultura nas descrições etnográficas como dos trabalhos geográficos”. Assim, a relevância das descrições etnográficas para a cultura no período que antecede a sistematização da ciência geográfica se evidencia como uma proposta temática nos estudos desta.

Ao abordar a necessidade de criação de uma categoria geográfica que explique a grande diversidade cultural relacionada à variedade do meio natural, Maia (2012) destaca que esta abordagem se torna relevante na perspectiva geográfica, principalmente, por meio da categoria da paisagem. Alguns pensadores alemães descreviam este conceito através da transformação da paisagem natural em paisagem cultural. Para eles, essa alteração proporcionou um programa de trabalho satisfatório, pelo qual o conjunto das formas culturais em uma área merece a mesma atenção que o das formas físicas.

Com a influência de Schiller e Goethe, Humboldt ampliou a construção de suas obras, com a concepção harmônica da natureza. Com essas influências, Humboldt organizou a obra intitulada de *Cosmos*, na qual, ele seguiu o método comparativo. A partir deste método,

o escritor comparou sistematicamente as paisagens que estudava nas diversas partes do planeta Terra, adotando uma perspectiva histórica desenvolvida a partir das suas investigações (CAPEL, 2008).

O aprimoramento dos estudos de Humboldt revela sua articulação no posicionamento da pesquisa científica, denominada de Evolucionismo. Visto que esta ciência até meados dos séculos XVIII baseava-se em classificações, Capel (2008), por conseguinte, descreve que Humboldt seguia um ponto de vista completamente distinto e coloca o problema de compreender as afinidades a um mesmo espaço, na relação entre os fenômenos e os elementos aparentemente desconexos, ou cuja conexão não pode ser deduzida de um sistema taxionômico.

De tal modo, nota-se que nesta relação espaço-temporal existe uma duplicação da geografia. De um lado, volta a ser uma cartografia do imaginário, mas com influências adicionais Iluministas. Neste período, verifica-se uma Europa racional, buscando conquistar e civilizar os demais povos bárbaros. Cumpre destacar que as práticas, habilidades e os conhecimentos geográficos que as sociedades humanas mobilizam não servem exclusivamente para orientá-las, mas sim, para permitir que dominem o meio ambiente e estruturam sua vida de relações (CLAVAL, 2010). Por outro lado, verifica-se uma cartografia de precisão, voltada para fins práticos de orientar os naturalistas e os navegadores que se lançaram na busca pela conquista de um mundo desconhecido. Para Capel (2008), o desenvolvimento do estudo da geografia física pela visão de Humboldt foi estimulado também pela distinção kantiana entre “sistemas da natureza” e “descrições da natureza”.

Este autor frisa ainda a influência do conhecimento geográfico ao meio, através dos estudos relacionados à altitude e ao clima que mostram a distribuição dos seres vivos no espaço terrestre. Portanto, evidencia-se o surgimento de descrições, as quais não estavam apenas relacionadas ao meio físico, mas que se referiam também aos vários povos. Além disso, as expedições favoreceram o entrelaçamento de diversas culturas pela superfície terrestre.

Paralelos à obra Humboldtiana, destacam-se aspectos da geografia regional, na qual eram descritos aspectos físicos, populacionais, econômicos e políticos da Nova Espanha. Nas suas expedições, utilizou-se de informações fornecidas por fontes iniciais e dados de ilustres moradores locais da sociedade. É notável a presença de vários conceitos geográficos nas obras de Humboldt, dentre eles: paisagem, lugar e espaço (CAPEL, 2008).

Em relação ao conceito de *Espaço*, segundo Carlos (2007, p. 14), “cada vez mais o espaço se constitui numa articulação entre o local e o mundial, visto que, hoje, o processo de

reprodução das relações sociais dá-se fora das fronteiras do lugar específico até a pouco vigente”. No espaço, se encontram a brecha objetiva (socioeconômica) e a brecha subjetiva (poética). Também se inscrevem e se realizam as diferenças. Santos (2002, p. 104) discorre que este:

[...] é um sistema de valores que se transforma permanentemente. O espaço uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto quer dizer que o espaço é a sociedade.

Nesse sentido, observa-se que o espaço é apreendido como uma acumulação desigual de tempos. Nele, inclui-se: a *dimensão histórica*, no alcance em que se concentra no tempo presente; o *local*, onde o “aqui” (espaço – Geografia) se encontra com o “agora” (tempo – História), sendo no presente, em que a Geografia e a Literatura coopera no sentido de suscitar uma consciência crítica voltada à condição humana de estar no mundo. Enquanto verifica-se a relação entre o espaço e o lugar, Tuan (1983, p. 6) menciona que tanto o espaço e o lugar:

[...] são termos familiares que indicam experiências em comum. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Deste modo, Carlos (2007, p. 14) assegura que “o lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social. O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço”. Alguns autores mencionam que a metrópole não é “lugar”, pois ela só pode ser vivida parcialmente, o que nos remeteria à discussão do bairro como o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas.

É certamente um espaço contido em diversas obras literárias que trazem a história do indivíduo responsável pela produção de um espaço que a ele se imbrica. As obras podem trazer também uma história contraditória de poder e de lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação. Carlos (2007, p. 20) destaca que “uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno”.

A obra de Karl Ritter, por sua vez, propôs uma maneira direta e fundamental para o estudo das relações entre a superfície terrestre e a atividade humana. Nesse caso, a direção centrava-se no homem, e a Terra passava a ser o objeto de estudo secundário. Destaca-se

também a dedicação profissional de Karla Ritter ao ensino. Na Idade Contemporânea, no início do século XIX, houve a instalação da universidade de Berlim. Capel (2008, p. 25) discorre que:

Ela vai possuir um forte papel na conjuntura da realidade alemã no início deste século, além de procurar explicar a grande importância que adquiriu a filosofia e o triunfo do idealismo e o romantismo pela impossibilidade dos intelectuais alemães participarem das decisões políticas do estado. Observa-se a soma da ciência e humanidades nestas novas instituições, admitindo-se que a educação superior tivesse uma base tanto cultural como humanística.

Em todos os lugares com a presença do Estado, as geografias particulares de um país admitem a existência de uma esfera superior, que é a do poder (CLAVAL, 2010). Deste modo, o conceito de *Território* é fundamentalmente definido por um espaço e, a partir de relações de poder, é construído nas diversas escalas. Nesta perspectiva, Raffestin (1993, p. 2) assegura que:

Espaço e território não são termos equivalentes. Por tê-los usado sem critério, os geógrafos criaram grandes confusões em suas análises, ao mesmo tempo em que, justamente por isso, se privavam de distinções úteis e necessárias [...]. É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço é o resultado de uma ação conduzida por um atorsintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível.

É possível inferir ainda que, para muitas pessoas leigas no assunto, e até para pesquisadores profissionais, o significado de território é considerado como sinônimo de espaço geográfico (SOUZA, p. 78). Raffestin (1993, p. 2) explica que:

O espaço é de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder.

Nesse âmbito, “[...] a filósofa Hannah Arendt, refletindo sobre a natureza do poder, já lamentara que esse conceito fosse, tão frequentemente, confundido o indevidamente vinculado à violência, à força e ao vigor, e também à dominação [...]” (ARENDR, 1938, p. 212). Para esta autora, o poder não é uma “coisa”, algo que possa ser estocado; ele “não pode ser armazenado e mantido e reservado para casos de emergência, como os instrumentos da violência: só existe em sua efetivação” (ARENDR, 1938, p. 212).

O poder jamais é propriedade de um indivíduo; ele pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguma pessoa está “no

poder”, estamos, de fato, nos referindo à “pessoa investida de poder, por certo número de pessoas, para atuar em seu nome” (ARENDR, 1938, p. 80). Deste modo, a autora refere-se ao significado da palavra “força”, a qual é utilizada frequentemente no linguajar diário como sinônimo de agressão, sendo que esta deveria ser reservada, na linguagem terminológica, para designar as “forças da natureza” ou as “forças das circunstâncias”.

Arendt (1938) enfatiza que, a partir deste significado, verifica-se a forte expressão dessa palavra, distante de “demonizar” o poder, como fizeram os anarquistas clássicos. Nessa perspectiva, a autora afirma que um caso de “demonização” implícita é o de Michel Foucault, por ele ter enfatizado, preferencialmente, exemplos de poder opressor, heterônimo. O território remete à união dos conceitos de espaço e poder. Raffestin (1993, p. 143) discorre que:

È essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.

Desse modo, a motivação para conquistar ou defender um território pode ser fortemente relacionada ao aspecto cultural ou econômico. Assim, Haesbaert (2002 *apud* SPOSITO, 2004, p. 18) destaca, ao propor três questões vinculadas ao território:

- 1) *jurídico-política*, segundo a qual “o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal”
- 2) *cultural(ista)*, que “prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço”.
- 3) *econômica*, “que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho”.

A partir desta questão, percebe-se que este conceito se associa às relações sociais projetadas em espaços concretos dominados e apropriados por uma sociedade/Estado/instituição. Com o intuito de “complementar” e “precisar” a “lacônica definição”, identifica-se o território, então, como as “relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial” (SOUZA, 2013, p. 96). Assim, ele pode ser considerado uma das manifestações do espaço geográfico e da espacialidade, podendo julgá-lo como algo não material.

Verifica-se, na questão abordada por Haesbaert (2002 *apud* SPOSITO, 2004, p. 27), a relevância do conceito de território e sua relação culturalista, tendo em vista que a formação

de núcleos de poder parte também do pessoal e do imaginário. Como exemplo, tem-se o papel da cidade com a formação dos “Guetos Urbanos”, expressão destacada por Carlos (2007, p. 43), ao descrevê-los a seguinte maneira:

[...] são áreas do desenvolvimento necessário de ações sociais que marcam a articulação entre o individual e o coletivo, bem como modos de percepção afetando o comportamento humano, constituindo-se através de formas de solidariedade e do sentimento do “pertencer” a um lugar.

Deste modo, o território deve ser apreendido em múltiplas vertentes com diversas funções. Mesmo privilegiando as transformações provenientes do poder no território, Carlos (2007) aponta a existência de diversos territórios, principalmente nas grandes cidades, como o território da prostituição, do narcotráfico, dos homossexuais, das gangues e outros que podem ser temporários ou permanentes. Deve-se lembrar de que o conceito de território não pode ser confundido com o de espaço ou de lugar. Para Andrade (1995, p. 19), este encontra-se:

Estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.

Assim, confundir o território e o substrato espacial material equivale a “coisificar o território, fazendo com que, na qualidade de projeção espacial de relações de poder, os recortes territoriais, as fronteiras e os limites podem todos mudar, sem que necessariamente o substrato material [...] mude” (SOUZA, 2013, p. 90). Outro conceito importante nos estudos geográficos é o de *paisagem*, considerado um dos mais antigos da Geografia, a ponto de, nas abordagens mais antigas, os geógrafos afirmarem ser a geografia “a ciência das paisagens” (MELO, 2001, p. 29). Mendonça e Venturi (1998, p. 65) relatam que:

[...] as premissas históricas do conceito de paisagem, para a geografia, surgem por volta do século XV no renascimento, momento em que o homem, ao mesmo tempo em que começa a distanciar-se da natureza, adquire técnica suficiente para vê-la como algo passível de ser apropriado e transformado.

Desde o século XIX, o conceito de *Paisagem* vem sendo discutido para se entenderem as relações sociais e naturais em um determinado espaço. A paisagem tem-se constituído como categoria geográfica e vista como o conceito capaz de fornecer unidade e identidade à geografia num contexto de afirmação da disciplina (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 7). Os geógrafos fazem uma diferenciação entre a paisagem natural e a paisagem

cultural. A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos; enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como as que são percebidas nos espaços urbanos e rurais. Assim, Bertrand (1971, p. 2) descreve que:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

No início do século XX, a paisagem foi um dos primeiros temas a ser abordado numa perspectiva cultural pelos geógrafos alemães e, posteriormente, foi “incorporado pela geografia cultural, nos anos 1920, pelo geógrafo americano Carl Sauer. No entanto, esta abordagem privilegiou a análise morfológica da paisagem, considerando apenas os aspectos materiais culturais” (LUCHIARI, 2001, p. 30). A paisagem cultural Saueriana era vista a partir de uma única perspectiva — tanto quanto os outros temas da Geografia Cultural eram pensados em conjunto. Dessa forma, pode-se falar em uma unidade na temática dessa corrente de pensamento. A nova geografia cultural aborda a paisagem em um contexto de heterotopia, representada por diferentes linguagens (DUNCAN, 1994 *apud* MELO, 2001, p. 35). Complementa-se a esta ideia, o pensamento de Sauer (1998, p. 42) ao expor que:

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim, no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o seu uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são outro conjunto.

Tendo em vista a diversidade de opções com que a paisagem passa a ser analisada na nova geografia cultural — a partir da qual os pesquisadores diferem em sua perspectiva de abordagem da natureza da teoria e interpretação da paisagem —, esta passa a ser objeto comum na obra dos geógrafos pesquisadores, em estudos que visam a “elucidação do processo cultural por meio do estudo das paisagens” (DUNCAN, 1990 *apud* MELO, 2001, p. 37). Tomada pelo indivíduo, a paisagem é forma e aparência. Seu verdadeiro conteúdo só se releva por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história. Como descreve Santos (1997 *apud* LUCHIARI, 2001, p. 13), “o que se encontra na forma-objeto como significante, encontra-se na totalidade como significado”. Para a

Geografia, assim como para outras ciências, neste mesmo período, este fato influenciou consideravelmente a construção do conceito de paisagem.

A emergência de uma concepção polissêmica se impôs a partir da geografia alemã e das influências do racionalismo positivista. Assim, de um lado, predominava o idealismo; e de outro, o romantismo (LUCIARI, 2001). Para a Geografia cultural, a paisagem sempre representou a expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio. Com este olhar, a Geografia Cultural repudiou a análise estrita das formas e buscou a substância na relação entre forma e conteúdo, materialidade e representação, paisagem e imaginário coletivo (LUCIARI, 2001, p. 15). A respeito disso, Claval (1999, p. 420) afirma que:

[...] não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais. Eles explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passado e a conservação das paisagens.

Cumprido ressaltar também que o acelerado processo de industrialização e urbanização alimentou certa confusão entre a organização material das paisagens e sua representação simbólica. Dessa forma, vive-se no início do século XXI uma inquietação estética e ecológica, ambas, tentando construir um novo discurso sobre a natureza e, conseqüentemente, sobre a paisagem (LUCIARI, 2001). Para este autor, é necessário internalizar a natureza e a sociedade, em outras palavras, é preciso internalizar o que parecia complementar ao conjunto (e continuou sendo) ao se transformar em “meio ambiente”. Esta concepção é fundamental para compreendermos o mundo contemporâneo e, para tanto, não possível nos contentarmos o mundo com a forma/paisagem, com seu aspecto visível.

Quanto ao conceito de *Região*, é perceptível que, para descrever e defender a região, torna-se necessário proteger o local. Esta “é talvez uma simples busca de sentido. Esse trunfo não deve mais ser recebido numa acepção filosófica ou psicológica, mas como uma questão referente à relação da sociedade para com os indivíduos, ao consentimento dos indivíduos em pertencer a tal sociedade” (RAFFESTIN, 1993, p. 33). É, portanto, a descoberta de que primeiro se pertence a um território *lato sensu*, para depois se pertencer a uma sociedade. Eis todo o problema da territorialidade. Nesta perspectiva, segundo Costa (2010, p. 28):

[...] metodologicamente falando, a geografia regional, [...], requer estudiosos que dominem o desenho, pois implica esboçar paisagens, enquanto a “geographia” (geral), mais abstrata, não pressupõe esses requisitos, já que está envolvida com posições e configurações gerais por meio unicamente de linhas e marcas, a começar pela forma, tamanho e posição da Terra. (COSTA, 2010, p. 28).

Assim, por meio das contribuições de diversos pensadores, constata-se em Ritter a preocupação em trabalhar com a Geografia Regional através da especificidade do inter-relacionamento de fenômenos e elementos gerais em cada região. No caso, em distintas perspectivas, Paul Vidal de La Blache, Carl Sauer e Richard Hartshorne enfatizaram a “diferenciação de áreas” “[...] como questão fundamental para o trabalho do geógrafo” (COSTA, 2010, p. 31-32). Enquanto que Carl Sauer buscava na Geografia Regional uma “morfologia da paisagem” que se preocupava ao mesmo tempo com as singularidades e com a comparação dessas “paisagens individuais”, num “sentido corológico pleno, isto é, a ordenação de paisagens culturais” (COSTA, 2010, p. 33).

É notória, no exposto acima, a importância dada ao específico, ao singular, a partir de um estudo integrador ou de “síntese” que permite perceber uma coesão/coerência interna à região — a continuidade espacial —, visto que nenhum deles trabalha com regiões fragmentadas ou descontínuas. De tal modo, por muitas vezes o discurso regional revela, de uma forma não importante, o drama da desterritorialização e, por consequência, a crise da territorialidade (RAFFESTIN, 1993). Este autor destaca também que:

Retomar o poder pela base por meio do cotidiano e, sobretudo, recuperar uma malha territorial que possa permitir o exercício desse poder. Em resumo, trata-se de redescobrir, para as coletividades, malhas concretas que se oponham às malhas abstratas propostas pelo Estado. Estamos certamente no limiar de uma era na qual a região, a que é vivida, desempenhará um papel cada vez maior para as diversas comunidades (RAFFESTIN, 1993, p. 33).

Para o autor, este conceito retoma sua importância no final do século XX, em primeiro lugar, pela propagação efetiva de regionalismos, identidades regionais e de novas velhas disparidades regionais (que, de uma maneira ou de outra, devem ser atacadas por políticas de base regional), tanto no nível global, mais amplo, como no intranacional (RAFFESTIN, 1993). Este autor explica ainda que, apesar da propalada globalização homogeneizadora, o que se vê, concomitantemente, é uma permanente reconstrução da heterogeneidade e/ou da fragmentação via novas desigualdades e pela recriação da diferença nos diversos recantos do planeta. Nesse sentido Raffestin (1993, p. 16) descreve que:

[...] para alguns, uma nova valorização do regional aparece no próprio bojo da globalização dos mercados e das comunicações, sendo interpretada, nesse caso, como uma revalorização do “local” singular, da diferença; para outros, a nova “regionalização” (ou mesmo os “novos regionalismos”) seria um contraponto à globalização via criação de grandes uniões comerciais [...].

Deste modo, é possível reconhecer a amplitude da questão regional no nível teórico, nos últimos tempos, também fora da esfera geográfica. Raffestin (1993) explica que, em termos disciplinares: regionalismos, identidades regionais e/ou região e regionalização são ou foram abordados pela Ciência Política, Economia Regional, Sociologia, Antropologia, História Regional e pelos estudos literários. Na associação entre o ser humano e a superfície terrestre, pensar em região, segundo o Costa (2010, p. 24) “é pensar, antes de tudo, nos processos de regionalização – seja focalizando-os como simples procedimento metodológico ou instrumento de análise proposto pelo pesquisador, seja como dinâmicas efetivamente vividas e produzidas pelos grupos sociais”.

O conceito de *Lugar* possui importância no âmbito da geografia. São muitos os entraves existentes em relação a sua aplicação correta na ciência geográfica, além de ser confundido, muitas vezes, com o conceito de local. Apesar disso, a noção de lugar tem importância em um mundo que se encontra dominado, em grande alcance, pelo estágio avançado da chamada “globalização”, processo em que “todos os lugares ficam vulneráveis à influência direta do mundo mais amplo” (HARVEY, 2003, p. 221). Harvey também aborda a relevância do conceito de lugar, visto que este é responsável pela compreensão espacial e temporal deste mundo. Carlos (2007, p. 15) discorre que:

[...] a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem, todavia, anularem-se as particularidades.

Portanto, deve-se frisar que o lugar faz parte de uma fatia do espaço, na qual acontece a construção social dos indivíduos. Destarte, o lugar abre a perspectiva para pensar o *viver* e o *habitar*, o uso e o consumo e os processos de apropriação do espaço. Carlos (2007, p. 14) enfatiza que “uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno”.

Na realidade atual, há uma tendência da anulação do tempo/distância entre lugares no espaço do globo terrestre, sendo que este parece diminuir de tamanho, articulando lugares através das redes de alta densidade de trocas de informações. Para Santos (1995 *apud* CARLOS, 2007 p. 24), “o lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história que ao se realizar muda, transforma, determina a ação, é onde os homens estão juntos vivendo, sentindo, pulsando, e que tem a força da presença do homem”.

Com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia aplicada à produção e o consequente processo de globalização, uma nova perspectiva é imposta no que diz respeito ao espaço. Isto porque as condições de reprodução variam no tempo em função do estágio do desenvolvimento técnico e científico aplicado à produção. Este fato produz mudanças espaciais dos valores de cada lugar na reprodução geral da sociedade, articulando os fixos no espaço, de maneira que a rede de fluxos exige uma nova configuração espacial.

Carlos (2007 p. 28) relata que o “processo de globalização cria a unificação do espaço mundial onde a organização se produz a partir de uma hierarquia de estados que vão do centro à periferia a partir de relações de dominação-subordinação que tem como elemento de articulação o mercado mundial”. Portanto, as diferenças dos lugares, do ponto de vista da sua competitividade no espaço regional e nacional, resultam da sua capacidade de concentrar a infraestrutura necessária ao desenvolvimento do processo de reprodução. Assim, a infraestrutura e as instituições sociais se coligam dentro de um sistema de relações sociais. A autora explica também que:

[...] o desenvolvimento técnico e científico aplicado à produção, o desenvolvimento do mercado mundial e das empresas multinacionais, longe de anularem o espaço, permitem sua mundialização pois, os mecanismos espaciais repousam na justaposição entre o local, o regional e o nacional e, nesse sentido, o espaço inteiro torna-se o lugar da reprodução, que se realiza tendo como pano de fundo o mundial que se sinaliza nas tendências pela atenuação das fronteiras nacionais e na constatação de que o local se torna global e o global se localiza no lugar (CARLOS, 2007, p. 29).

Observa-se, então, que a relação entre espaço e tempo, bem como a relação entre fixos¹ e fluxos² assinalam a totalidade do processo que se realiza enquanto mundial, porém localizado. Assim, verifica-se que todos os lugares se articulam aos demais. E, como consequência disso, as sociedades se fazem presente em cada lugar. Onde a localização concreta do lugar lhe dá materialidade específica, sua existência pontual não exclui o mundial.

Segundo Carlos (2007), o processo de valorização-desvalorização dos lugares depende de sua conjuntura enquanto ponto estratégico no princípio de reprodução ampliada

¹. “Os fixos são econômicos, sociais, culturais, religiosos, etc. Eles são, entre outros, pontos de serviço, pontos produtivos, casas de negócios, hospitais, casas de saúde, ambulatórios, escolas, estádios, piscinas, e outros lugares de lazer. Mas se queremos entender a cidade não apenas como um grande objeto, mas como um modo de vida, há que distinguir entre os fixos públicos e os fixos privados. Estes são localizados segundo a lei da oferta e da procura, que regula também os preços a cobrar. Já os fixos públicos se instalam segundo os princípios sociais, e funcionam independentemente das exigências do lucro” (SANTOS, 2007, p.142).

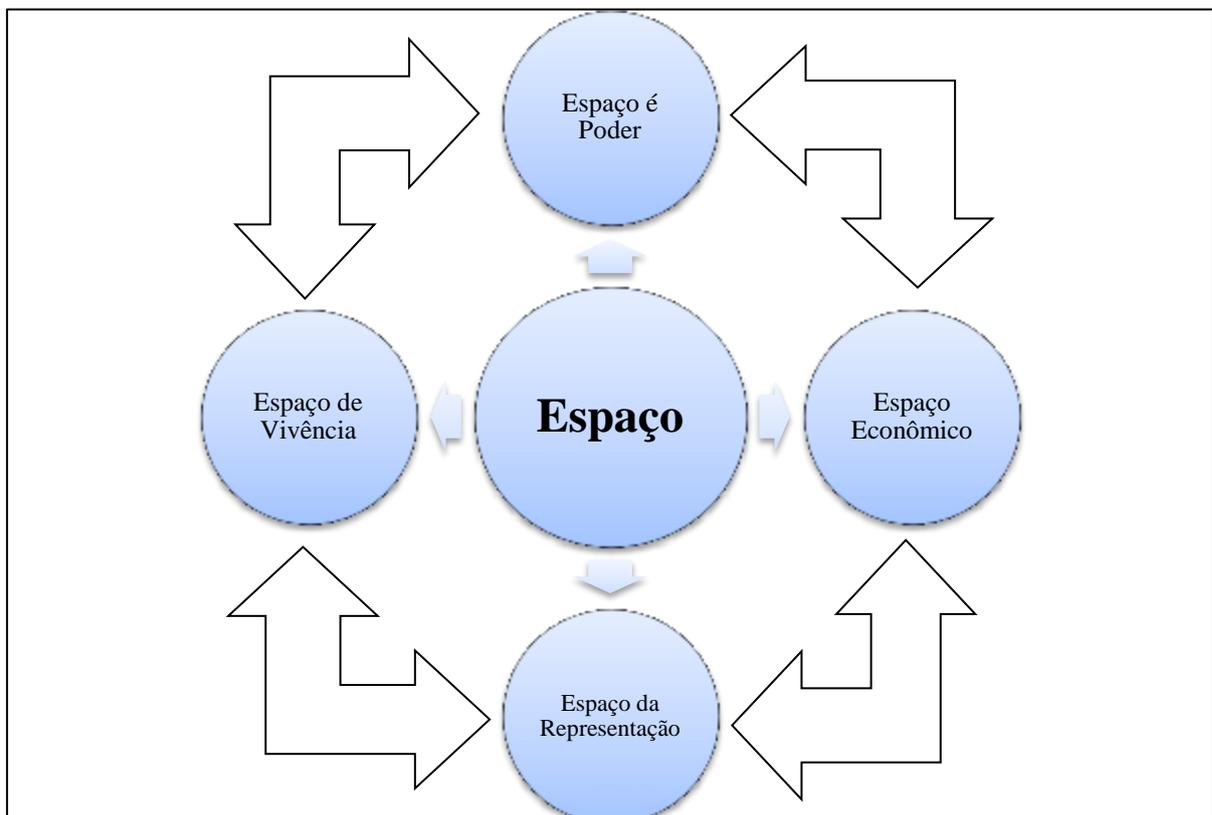
² Para Santos (1979), os fluxos podem ser compreendidos através dos circuitos inferior e superior. O fluxo do sistema superior é composto pela movimentação do capital, a exemplo dos bancários, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, comércio atacadista e transporte. Já o sistema inferior é constituído por formas de fabricação sem a utilização intensiva de capital; por serviços não modernos, abastecidos pelo nível de venda a varejo e pelo comércio em pequena escala.

das relações sociais, enquanto lugares estratégicos controlados por estruturas que permitem ao sistema mundial se manterem e reproduzir. Explica ainda que os movimentos urbanos caminham de forma inflexível a sua realização global, e cada lugar contém sempre o global articulado a uma rede de lugares.

Esta autora retrata que, no processo de globalização, o lugar ganha um novo conteúdo, produz-se uma hierarquia diferencial dos lugares que aparece sob a forma de uma competição entre lugares pelo investimento. Dessa forma, torna-se possível o entendimento do mundo moderno a partir do lugar, na medida em que este for analisado levando-se em conta um processo mais amplo — aquele que tem como referência a sociedade urbana em processo de constituição, apesar de ser no lugar em que se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade urbana.

Deste modo, pode-se verificar-se que os conceitos geográficos estão interligados por questões referentes às vivências e experiências humanas e por meio da sua relação com o natural. Esta interligação se manifesta por representações (paisagem), pelo poder (território), pela vivência (lugar) ou região (questão econômica) e pelo espaço, como pode-se verificar na Figura 3.

Figura 3 - Síntese dos conceitos-chave da ciência geografia



Fonte: Organizado pelo autor (2016).

Por meio da Figura 3 observa-se a importante relação que ambos os conceitos possuem entre si. Em que estes conceitos estão fortemente articulados seja por qual conjuntura.

2.2 O lugar na Geografia Humanista

Esta pesquisa propõe-se “mergulhar” na corrente de pensamento da Geografia Humanista. Esta vertente emergiu logo após a segunda metade do século XX, como oposição aos ideais positivistas, estabelecendo uma postura metodológica, filosófica e epistemológica (HOLZER, 1992). Deve-se compreender que a Geografia Humanista foi uma das três tendências geográficas alternativas, assim como a Geografia Idealista e a Geografia Radical. A abordagem humanística baseia-se na contribuição teórica sustentada em autores como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, e possui a “fenomenologia existencial como a filosofia subjacente” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 21). Na busca pela compreensão desta corrente, agrega-se o papel de David Lowenthal, o qual teve uma importante participação na sistematização epistemológica da corrente Humanista (HOLZER, 1992).

Por meio dos estudos realizados, constatou-se que esta corrente resulta da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade na organização espacial e na sua dinâmica. As pesquisas em relação à cultura tornam-se necessárias para compreender o mundo em virtude da sua dimensão. Assim, busca-se entender a importância da relação do ser humano com a natureza, por meio da subjetividade. Nesse sentido, Oliveira (2010, p.4) considera que:

Nesta nova concepção da cultura passa-se a dar lugar à sua dimensão subjetiva, mas não se negligencia seu aspecto material, a diferença é que, agora, os dois aspectos passam a ser analisados em termos de seus significados e como parte integrante da espacialidade humana. Assim, os conceitos básicos da geografia - lugar, território, paisagem, espaço, territorialidade - passam a ser estudados a partir das redes simbólicas que envolvem a sua construção cultural. Neste contexto, surgem novas temáticas tais como: manifestações culturais, identidade espacial, percepção ambiental, representações sociais, estudo das religiões, entre outras.

Nesta conjuntura, a Geografia Humanista desenvolve metodologias e uma filosofia diferenciada, enraizada nos pressupostos teóricos de Vidal de La Blache. Através do Possibilismo, em que o homem passa a ser agente ativo do meio, condicionando o modo de vida do seu grupo, Claval (2003, p.149) explica o aspecto cultural presente nas obras de La Blache (1921). E, sobre isso, afirma que:

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares.

A cultura está presente em diferentes momentos de um determinado espaço. E, em alguns percursos, ela sofre uma determinada transformação, mas, contém a “força do hábito” retratada como algo que se enraíza em um determinado grupo social. La Blache propõe a organização do conceito de gênero de vida. Santos (2008, p. 36) argumenta que “[...] segundo esse enfoque, seria por intermédio de uma série de técnicas confundidas com uma cultura local que o homem entra em relação com a natureza”. Com a construção desse conceito, verifica-se a inter-relação entre o ser humano e o meio, laços fortalecidos pelo aspecto cultural. Deve-se enfatizar que Carl Sauer trouxe para os Estados Unidos, na década de 1920, o estudo da cultura e da ecologia cultural. Corrêa (2003, p.11) explica que Sauer concebia a cultura da seguinte maneira:

[...] como uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura.

A cultura de um determinado grupo social está regulamentada na “força do hábito”, como afirma La Blache (1921) e reafirma Sauer (2003). Ambos explicam que a internalização de alguns movimentos resulta no *hábito*, e este *hábito*, por sua vez, é compreendido como cultura. O ser humano é assistido como centro de todas as análises por meio da valorização da cultura. A partir da segunda metade do século XX, a ciência geográfica, por meio desta corrente, buscou a compreensão do significado da subjetividade, através de pesquisas envolvendo o homem, especificamente a sua experiência vivida. Assim, verificou-se a incorporação dos estudos abrangendo a subjetividade humana.

Na década de 1960, David Lowenthal, publicou o artigo intitulado *Geography, Experience and Imagination: Towards a Geographical Epistemology*. Neste trabalho, Holzer discute o pensamento de Lowenthal ao retratar (1992, p. 103) que “a pessoa estrutura o mundo a partir de sua vivência pessoal, e sua linguagem se ajusta as visões pessoais que tem do mundo”. Contudo, ele enfatiza aspectos subjetivos na relação homem-meio. Aos poucos, esta perspectiva humana inicialmente aproximava-se do método da fenomenologia, para se

estabelecer, mais tarde, como Geografia Humanista. Portanto, compreende-se que, nesse contexto temporal, ocorreu uma procura por novos métodos. Também é importante destacar que as pesquisas de Lowenthal ramificam-se em campos distintos: um mais comportamental e positivista e outro que procura alternativas para a ciência tradicional, encontrando na fenomenologia um caminho para seus anseios.

Tuan (1961, *apud* HOLZER, 2008), fundamentado na obra literária *La Terra et les Revêries de La Volanté*, de Bachelard, sugere uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza. Relaciona o “Humanismo” a uma experiência de análise das ações e produtos da espécie humana, a partir de uma visão que amplia a perspectiva científica, incorporando os estudos da sociedade na leitura de temáticas geográficas.

Deste modo, compreende-se que o estudo da Geografia estaria voltado para a perspectiva das vivências, sendo que esta é visível no lar até os lugares mais selvagens. Nesse sentido, é importante ressaltar a contribuição da Geografia Cultural para a Geografia Humanista. Holzer (1992, p. 84) enfatiza que:

As principais contribuições da geografia cultural para o humanismo na geografia foram: manter vivo o culturalismo e o antropocentrismo em meio a um cenário fortemente quantitativo; respeitar a diversidade de temas e interesses como “modus vivendi”; ênfase na interdisciplinaridade; valorização do trabalho de campo e a recusa dos “a priori”; a crença em que a geografia estava além da ciência e de que os males atuais seriam sanados pelas próximas gerações com a liberdade acadêmica.

Assim, emergiu a corrente da Geografia Humanista com características particulares em relação às demais correntes, a exemplo da valorização do mundo vivido. Esta privilegia a ação do vivido, em oposição ao pensamento de Sauer. O que aproxima a geografia cultural da geografia humanista é a insistência em mencionar que a geografia está mais à frente da ciência (HOLZER, 1992). A partir dessa valoração do mundo vivido, destaca-se a ideia de Moreira (2004), que compreende a geografia como a atitude de representação e reflexão analíticas do homem-no-mundo, mediante o modo como este organiza sua relação com a sociedade e a natureza, portanto consigo mesmo, no vir-a-ser do processo Marxismo e da Geografia evolutiva da história. Refere-se, pois, à contextualidade e existencialidade, à geograficidade espacial do homem no mundo, uma condição que difere de acordo com as estruturas da história.

Diante do exposto, observa-se a construção do conceito de *Geograficidade*, proposto a partir da ideia da ligação do homem com o meio. Para Dardel (2011), este termo diz respeito

a uma relação concreta que liga o homem à Terra, representada pelo amor ao solo natal ou pela vontade intrépida de correr o mundo.

Nesse sentido, foi possível repensar as diversas formas de conceber o conceito de lugar. É notável que o termo lugar sofreu alterações em seu sentido após o aporte fenomenológico correspondente aos estudos humanistas. Esse contexto evidencia-se no pensamento de Dardel (2011), quando ele sugere uma geografia fenomenológica voltada para as dificuldades da existência, além de sua contribuição para a própria história da ciência geográfica. Na obra *L'Homme et La Terre: nature de la réalité géographique*, fica nítido que seu objetivo é realizar uma abordagem fenomenológica da relação visceral que o ser humano mantém com a Terra (HOLZER, 2014).

Com esses estudos, houve a propagação da noção de geograficidade, a qual passou a expressar a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo. Diante disso, é perceptível a associação entre o lugar e a paisagem, o que possibilita um entendimento fenomenológico da experiência na ciência geográfica. Este termo — geograficidade — trata do conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna pertencente ao mundo. Dessa forma, a partir do momento em que ele vai se apropriando do mundo, este torna-se um lugar. Logo, na fenomenologia, o mundo e o lugar são vistos como sujeitos inseparáveis.

O sentido do lugar propagado na ciência geográfica possui uma variedade de definições, alguns conceitos objetivos e outros subjetivos. Este conceito-chave da Geografia apresenta-se como uma das principais categorias de análise que compõe a estrutura teórico-metodológica desta ciência. As leituras sobre esta temática evidenciam a ascensão do conceito de lugar, pelo amplo diálogo e pontes que este realiza com outras áreas, tais como: a arquitetura, psicologia e a literatura.

Nessa perspectiva, as fontes teóricas expressam-se por diversos caminhos, principalmente pela Geografia Humanista. O significado de lugar delinea-se em duas correntes de pensamento: Geografia Crítica e Geografia Humanista. A primeira apoia-se também na filosofia marxista; e a segunda fundamenta-se em alguns teóricos como, por exemplo, Yi-Fu Tuan e Edward Relph.

Esta pesquisa dialoga com a segunda corrente, tendo em vista que a Geografia Humanista interpreta os conceitos abordados nos parágrafos anteriores. Esta categoria é uma das ideias estabelecidas de relevante importância para a ciência geográfica, conceito que evoluiu a partir da mundialização do global/local e mundo/lugar.

O conceito de lugar permite um diálogo com as diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Filosofia, da Arquitetura, da Psicologia, da Literatura, entre outras. O lugar, nesse caso, é apresentado como aquele em que o indivíduo é ambientado, no qual está integrado e possui significância para um determinado indivíduo (CHRISTOFOLETTI, 1982). A respeito disso, Carlos (2007, p. 15) descreve que o “lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social. O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço”. Vale lembrar que a valorização deste conceito mostra-se em virtude dos sentimentos expressos, na relação homem e o meio, ao mundo vívido (a dimensão da experiência geográfica). Estas características foram evidenciadas com os estudos que envolveram a Geografia Humanista e a Geografia Cultural.

Essas características e as correntes de pensamentos mencionadas interligam-se. Alguns conceitos podem ser citados como exemplos, quais sejam: lugar, cotidiano, identidade, experiência e percepção. Para Tuan (2013, p.7), “Lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem”. Sobre este mesmo conceito, Buttimer (1985, p. 228) perceber o lugar como o “somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

Nesse sentido, exaltam-se os fundamentos teóricos relacionados à geografia humanista, visto que é compreendida a partir da experiência geográfica do homem. Ela possui como objetivo entender as múltiplas relações que o sujeito estabelece de modo particular com o meio em que vive. A compreensão do sentido do lugar, no ponto de vista de Tuan (2013), tem base nos estudos etnográficos, históricos, literários e psicológicos. A variedade de áreas do conhecimento consistiu-se numa base de dados interdisciplinar que auxilia a compreensão dos sentidos e significados de espaço e lugar. A seu ver, uma palavra central para determinar este espaço é “pausa”, pois é na interseção dela que se torna viável marcá-lo na experiência, deformá-lo, senti-lo de forma específica e lhe dar um significado.

A partir do exposto, observa-se a valorização do conceito de cultura numa perspectiva mais subjetiva. O ser humano passou a ser analisado em conjunto com o meio. O conceito de lugar, proposto pela corrente Humanista, alcançou expressivo destaque ao “refletir o papel da cultura e ao afirmar que a mesma é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos. A sensação de espaço e lugar dos esquimós é bem diferente da dos americanos” (TUAN, 2013, p. 13).

Deste modo, o lugar, eleva sua expressividade a partir do nascimento de abordagens teóricas relacionadas aos valores humanistas orientados por certa filosofia, além de permitir

maior atenção à diversidade, à heterogeneidade e à diferença. Permite também mais atenção ao movimento de mundialização que obrigou uma oposição entre global-local/mundo-lugar (MARANDOLA JUNIOR, 2014). Esta categoria possui forte expressividade, possui múltiplas definições e sentidos, se adequando a teoria e ao autor. Cada pensador expressa uma ideia mais objetiva, enquanto a filosofia divulga algo de relevância mais subjetivo. Oliveira (2014, p. 3) destaca que o “sentido de lugar implica o sentido da vida e, por sua vez, o sentido do tempo”.

Diversos autores abordam o sentido de lugar na perspectiva Humanista, a exemplo de Tuan (2013, p. 12), para o qual “lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Segundo a descrição de Oliveira (2014, p. 11), “a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois, espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia”. A ideia de ambos os autores concretiza o conceito de lugar. Neste caso, ele se relaciona com a familiaridade, experiência e o cotidiano. Portanto, a valorização do lugar é resultante de sua experiência, porque se constitui um objeto no qual é possível habitá-lo e desenvolver emoções e sentimentos. Esse lugar é destacado por Oliveira (2014, p. 12) como:

[...] algo que se faz visível por meio de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com os outros lugares e manifestações de arte e de arquitetura. Todo lugar adquire identidade mediante as diversas dimensões espaciais, tais como: localização, direção, orientação, relação, território, espaciosidade e outras.

Relph (2014) explica que o lugar é o fenômeno da experiência e sua análise deve considerar a abordagem fenomenológica, articulada por Husserl e Heidegger. Outros termos a também devem ser levados em conta quando o que está em questão é a definição de lugar, são eles: identidade e cotidiano. O conceito de cotidiano está intimamente relacionado à vida do ser humano no seu dia a dia e em qualquer relação espaço-temporal. Heller (1992, p. 17) explica que:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Na vida cotidiana colocam-se em “funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Assim, percebe-se que a vida do ser humano está interligada a diversas atividades, as quais são executadas por meio dos seus sentidos e capacidades. A habilidade e os sentimentos estão diretamente relacionados ao sentido de lugar, visto que o cotidiano é expresso por meio

de sentimentos. A esse respeito, nos estudos de La Blache (1982) fica claro que, para se fazer Geografia, deve-se fazer uso também da História. Nesse sentido, o homem se impõe direta ou indiretamente, por sua presença, nas suas obras ou como consequência destas. Ainda para este autor, a Geografia se interessa pela análise dos lugares, e não dos homens. Dessa maneira, ela se dedica à análise dos homens na História, à medida que eles se produzem e (re) configuram determinadas áreas.

Os pressupostos filosóficos relacionados ao cotidiano e à experiência vívida estão intimamente relacionados. De acordo com Heller (1991, p. 19), “para reproduzir a sociedade é necessário que os homens singulares se reproduzam a si mesmo enquanto homens singulares”. A vida cotidiana, portanto, é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens singulares. Buttimer (1982, p. 180) advoga que o homem contemporâneo é móvel “e pode experienciar o espaço mais vividamente em redes de interação social e comercial, as quais poderiam estar circunscritas dentro de determinada região ou lugar”.

A partir dos estudos sobre a geografia humanista, é importante ressaltar a características relacionadas à experiência vivida e ao cotidiano. Santos (1988, p. 34) discorre que “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares, isto é, únicos”. Na literatura, esses conceitos são apresentados por meio do perfil subjetivo dos escritores e pelo diálogo existente entre os personagens do enredo. A seguir, apresentam-se as múltiplas relações entre a geografia e suas linguagens.

2.3 Geografia Cultural e suas Múltiplas Linguagens

A cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos [...] Uma cultura pode, certamente, abranger ou sobrepor diversos grupos lingüísticos diferentes, desde que seja mantido algum tipo de equivalência entre os sistemas simbólicos coexistentes; da mesma forma, um grupo lingüístico pode ser dividido entre diversas culturas diferentes. (WAGNER; MIKEESELL, 2003, p. 114).

O principal objetivo desta seção consiste em discutir os pressupostos teóricos que fundamentam a abordagem cultural na ciência geográfica. Logo, verifica-se forte presença desta temática nos estudos voltados à Geografia Humanista. Assim, esta busca estreitar esses laços, principalmente com o advento da Geografia Cultural.

Por meio do pensamento antropológico, o conceito de Cultura é investigado principalmente na linha etnográfica. Nessa perspectiva, destaca-se o pensamento de Cuche (1999, p. 45), ao retratar que cada “cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime

através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este ‘espírito’ próprio a cada cultura, influi sobre o comportamento dos indivíduos”. Logo, percebe-se que a cultura é o reflexo do senso comum, dotada de poder explicativo. O homem sempre foi munido de técnicas voltadas à representação da sua relação com o meio. A partir destas técnicas, é fácil relatar experiências cotidianas relevantes a seu período. Como exemplo tem-se as pinturas rupestres retratadas em diversas áreas na superfície terrestres.

Desde modo, é importante ressaltar a valorização da experiência desses povos no seu cotidiano e o fortalecimento de sua identidade para as futuras gerações. Para Berdoulay (2013), o termo cultura foi inserido nos estudos das ciências humanas no final do século XIX e início do século XX. Sendo que este conceito estava interligado na relação de um grupo fortemente unido por suas tradições e sua língua e, por isso, tem a finalidade de se perpetuar como tal, normalmente em um território bem-definido.

O homem visto como ser central na abordagem cultural, devido a sua relação de poder em conquistar o ambiente por meio da sua consciência. Por isso, ele é o foco principal dos estudos na escala evolutiva dos seres vivos. A partir dessa compreensão, destaca-se a ideia de entender a complexibilidade cultural, visto que a relação entre o homem está bastante espacializada na superfície terrestre, influenciando intensamente sua relação com espaço de vivência. Cuche (1999) assegura que cada elemento possui seu valor e, dependendo deste, o significado é totalmente diferente. Assim, o mundo cultural tem envolvimento no mundo natural. Ao conceber o meio natural e humanizado, cada cultura vê de maneira distinta os elementos que compõem cada um desses meios. Segundo Cuche (1999), na busca pela compreensão da relação do homem com o espaço geográfico, os estudos revelaram a atuação de dois protagonistas: o cosmógrafo e o corógrafo. Estes estão ligados ao conhecimento antropológico cultural.

O primeiro — cosmógrafo — teve Ptolomeu como um de seus representantes, tendo em vista que ele se interessava pela totalidade do mundo. O segundo — corógrafo — é um homem de campo, um explorador, só se preocupa com aquilo que vê. Sendo assim, a geografia vê-se presente no cotidiano do homem, mas sem possuir uma identidade própria, pois sobreviveu, por tempos, à sombra da cartografia. Deste modo, a relevância das descrições etnográficas para a cultura, no período que antecedeu a sistematização da ciência geográfica, evidenciou-se uma proposta temática nos estudos desta, sobretudo ao ser abordada a necessidade de criação de uma categoria geográfica que explicasse a grande diversidade cultural relacionada à variedade do meio natural.

Alguns pensadores alemães descreviam esse conceito por meio da transformação da paisagem natural em paisagem cultural. Para eles, essa alteração proporcionou um programa de trabalho satisfatório, pelo qual o conjunto das formas culturais, em uma área, merece a mesma atenção que o das formas físicas. Nesta relação, observa-se a transformação da paisagem. Para Corrêa e Rosendahl (2003), a Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície e imprimem uma expressão característica. Igualmente consideram que o objeto de estudo da investigação é a transformação das paisagens naturais e sua substituição por paisagens inteiramente novas ou profundamente modificadas.

É evidente que, durante o decorrer dos tempos, o conceito de cultura se adéque em determinadas categorias geográficas. Para pensadores alemães, a transformação da paisagem natural em paisagem cultura expressa e proporciona um programa de trabalho satisfatório no qual o conjunto dessas formas culturais em uma determinada área merece a mesma atenção que o das formas físicas (CORREA; ROSENDAHL, 2003).

Os primeiros estudos voltados à cultura, na Geografia, estão centrados nos pressupostos da Geografia Humana. As investigações de Friedrich Ratzel, por exemplo, utilizaram este conceito para desenvolver pesquisas numa perspectiva ambientalista. Ratzel construiu a base conceitual na qual a Geografia Humana tem se organizado desde então, em seu sentido restrito: um conjunto de categorias do meio físico, ordenadas a partir de conceitos básicos abstratos de posição e espaço sobre o homem. Os antropólogos utilizaram amplamente suas análises de difusão da cultura e os geógrafos ocidentais consideraram o Ratzel somente como ambientalista (CORREA; ROSENDAHL, 2003).

Essa busca contínua pelo significado do meio natural não implica nenhuma obrigação de ressaltar sua importância para a ciência geográfica. O fato da área cultural deve ser explicado por qualquer causa que tenha contribuído para criá-los e nenhum tipo de causalidade tem preferência sobre outros. A área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano na Terra, o conjunto cultural que registra o aproveitamento integral do uso humano da superfície (TAVEROS; NASCIMENTO; BELIZÁRIO, 2016).

Deste modo, o pensamento de Paul Vidal de La Blache, por meio do Possibilismo desenvolveu ideias que, segundo Berdoulay (2013), são retratadas como um conjunto de interações com alterações recíprocas das culturas e de seus meios, passando pela edificação de mediações, como as paisagens, as regiões, os gêneros de vida. Por meio dos ideais de La Blache, por meio da compreensão das relações que os homens englobam com o meio

próximo, considera-se as técnicas responsáveis pela produção total ou parcialmente aquilo do que necessitam e de tornar habitáveis lugares difíceis. Este pensador formulou o conceito de “força do hábito”, o qual significa que o ser humano possui enraizamento ecológico em um ambiente local, do qual respira o ar, bebe a água, consome produtos.

Segundo Claval (2011), a abordagem cultural na Geografia foi importante na primeira metade do século XX, no entanto, possuía limitações, pois tinha como base os meios usados pelos grupos humanos para modificar o ambiente. Nessa perspectiva, ainda segundo o autor, a Geografia Cultural estudava quase que exclusivamente a “dimensão material da atividade humana e suas marcas na paisagem”. No início do século XX, a geografia abordada, sob o impulso de Vidal de La Blache com os ideais da corrente Possibilista, percebe o homem como um ser agente ativo do meio, condicionando o modo de vida do seu grupo. Tal concepção resulta na análise do gênero de vida. Claval (2003, p. 149) destaca que:

[...] as técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares.

A cultura está presente em diferentes momentos em um determinado espaço. Em alguns percursos, a cultura sofre determinadas transformações, mas, com existência da “força do hábito”, ocorre uma solidificação em determinado grupo social. A geografia vidaliana tem como cerne a análise das relações entre o homem e o meio numa perspectiva ecológica. Em suas análises, o geógrafo descobriu realidades que se mostram estáveis ou evoluem lentamente: gêneros de vida, regiões, paisagens, modo de exploração agrícola. Destarte, Vidal de La Blache sempre enfatizou os gêneros de vida, classificou as paisagens e localizou os limites das unidades regionais.

A respeito do conceito “gênero de vida”, Santos (2008, p. 36) o define da seguinte maneira: ele “seria por intermédio de uma série de técnicas confundidas com uma cultura local que o homem entra em relação com a natureza”. Com a construção desse conceito, percebe-se a inter-relação entre o ser humano e o meio ambiente, laços fortalecidos no aspecto cultural. O desenvolvimento da geografia cultural procedeu necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, a começar pela cultura original até o presente. A geografia cultural implica, portanto, em um programa que está integrado com o objetivo geral da geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

Na América, constituem-se alguns ideais semelhantes à corrente Possibilista. Carl Sauer trouxe para a América, em especial para os Estados Unidos na década de 1920, o estudo da cultura e da ecologia cultural. Nessa perspectiva Corrêa (2003, p.11) explica que Sauer concebia a cultura da seguinte maneira:

[...] como uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura.

A importância de Carl Sauer para a Geografia Cultural é bastante significativa visto que essa expressão foi difundida por ele próprio junto à “escola de Berkeley”. Holzer (1992, p. 52) defende a área de pesquisa de Sauer, definida por três campos distintos na geografia, assim:

O estudo da terra como meio de processos físicos; o estudo das formas de vida como sujeito de seu ambiente físico; e o estudo da diferenciação de áreas ou habitats da terra. A unidade espacial escolhida por Sauer foi à paisagem cultural que dependia da atuação humana para ser caracterizada.

Nota-se que Sauer buscava promover uma geografia humana sem raízes econômicas, privilegiando aspectos referentes ao papel do ser humano, dos valores, atitudes e costumes na alteração do espaço terrestre. Ele concentrava-se na observação da paisagem e das diversas manifestações dos valores e percepções humanas. Frisa-se que Sauer buscava, na perspectiva histórica, a compreensão das modificações das paisagens pelo homem, em razão disso, ele intensificou sua pesquisa mediante a preservação e valorização histórica da paisagem cultural (HOLZER, 1992).

De acordo com Berdoulay (2013), a cultura não é somente uma questão de herança do passado nem feita da experiência presente, ela corresponde, talvez, antes de tudo, a uma projeção no futuro. Deste modo, as concepções de lugar, sujeito e cultura implicam em discussões a fim de repensar o estudo geográfico em meio a herança do passado.

Sobre a relação existencial, Holzer (1991, p. 59) afirma que, na “valorização do habitat como determinante do conteúdo, já que existe o julgamento pessoal na seleção do conteúdo das paisagens, o que torna a geografia uma ciência distinta devida à sua característica integradora”. Desse modo, ocorre também a valorização da analogia do homem com a paisagem e, a partir desta análise, a comparação com outras paisagens passou a ser um dos temas pertinentes para o incremento da geografia cultural americana.

Entre os anos de 1950 a 1970, do século XX, a abordagem relacionada à Geografia Cultural paralisou, em virtude de fatores decorrentes do período. Claval (1999) nomeou essa paralisação de “informização da geografia”. Esse processo levou a geografia cultural a uma crise, devido ao desaparecimento das diversidades culturais. Nesse contexto, Claval (2011) evidenciou também uma evolução epistemológica nos estudos da Geografia Cultural, por meio da qual as concepções deixaram o caráter Positivista e NeoPositivista. Nesse contexto, a Geografia chegou a receber influências do estruturalismo. A respeito disso, Claval (2011, p. 7) explica que:

O estruturalismo propunha associar as lições do estruturalismo e o papel da iniciativa individual. Esse movimento tomou formas diferentes na Europa tomou formas diferentes na França, com Pierre Bourdieu (1980), e no Reino Unido, com Anthony Giddens (1984). O estruturalismo do último tinha uma dimensão geográfica importante: ele sublinhava o papel do local, do palco local, onde a iniciativa humana tinha um papel importante na construção das realidades sociais [...].

Neste período, a subjetividade e a cultura não estavam na linha de interesse dos acontecimentos do mundo. Além dos fatores políticos, econômicos e sociais que ocorriam na escala mundial, no caso do Brasil, este período foi caracterizado pela censura de diversos grupos sociais durante o período da ditadura militar.

No entanto, com a valorização da subjetividade humana, a partir de 1970, a Geografia Cultural se enalteceu por meio de renovados pensamentos, mas seguindo os ideais dos seus antigos percussores, a exemplo de La Blache e Sauer. Nesse ressurgimento, a Geografia Cultural colocou o ser humano como o centro de todas as análises do meio e enfatizou a valorização da cultura. Deste modo, Corrêa (2003) ressalta que o ressurgimento da Geografia Cultural ocorreu num contexto pós-positivista, no qual se difundiu a consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. E com a presença da Geografia Crítica, houve um resgate das discussões a respeito da interdisciplinaridade. Santos (2008, p. 135) ressalva ainda que “a explicação dos fenômenos geográficos exige, mais que em qualquer outra disciplina, a contribuição de um número avultado de ciências”. Portanto, a busca pela interdisciplinaridade se destacou e, com isso, se fez necessária à ampliação nas discussões, principalmente na Geografia. Giovanni (2007, p. 44), enfatiza que:

A geografia talvez seja a disciplina que mais trabalha com práticas interdisciplinares, percorrendo um leque de possibilidades na área da educação. No mundo globalizado, não há como evitar a recorrência aos conceitos básicos da geografia para entendermos o mundo e as sociedades.

A Geografia se concretizou em abordar temas relacionados ao cotidiano do homem, expandindo, assim, sua influência nas interações com áreas do ensino. Assim, a dimensão cultural tornou-se então necessária para a compreensão do mundo. Através dessa conjuntura, pode-se compreender a importante relação do ser humano com a natureza, bem como a busca pela subjetividade. A relação interdisciplinar com as diversas áreas do conhecimento ganharam importância, força e profundidade no mundo acadêmico. Nesse sentido, salienta-se a importância de estudar o espaço geográfico no contexto cultural, pois segundo Bonnemaïson (2002, p.86):

A aplicação do conceito de cultura às problemáticas geográficas significa examinar e buscar compreender os conceitos geográficos, tais como – lugar, paisagem, território, territorialidade e espaço - sob a influência da dimensão cultural. Sem intencionar elevá-la a um caráter de superestrutura e supraorgânica, apenas entendendo-a como uma forma de compreender e conceber o espaço e agir sobre ele. Neste sentido, “a análise cultural em geografia pode ser uma nova abordagem para descobrir aquilo que Claude Raffestin denomina a “geoestrutura”, isto é, um “sistema real a se tornar inteligível.

Esse ponto de vista revela a preocupação dos geógrafos em relação aos estudos culturais na tentativa de compreender certas categorias de análises geográficas, como o lugar, a partir da relação que o sujeito possui com o meio em que está inserido.

A incorporação de diversas linguagens amplia a visão de análise do espaço geográfico, visto que a música, o cinema, a poesia, o romance literário são recursos para um conhecimento maior da realidade e para uma reflexão mais profunda nas relações espaciais. Na relação Cinema e Geografia, verifica-se uma união de interesses, retratada por Moreira (2007, p. 13) ao destacar que “Glauber Rocha dizia que para fazer cinema bastavam algumas ideias na cabeça e uma câmara na mão. Os geógrafos sempre tiveram muitas ideias na cabeça e uma câmara na mão”. Santos e Silva (2010, p. 1) relatam que:

A era global marcada pelo domínio da imagem, propagada pelos mais diversos meios de comunicação, apresenta aos nossos olhos, um mundo virtual onde tudo parece acessível. Conceitos tradicionais perdem espaço e cedem lugar para novas formulações teóricas que buscam explicar, questionar e direcionar um espaço dominado pela virtualidade e possível de ser acessado por todos ao mesmo tempo.

A representação do espaço geográfico por meio de programas, documentários e filmes, ocorre com forte ideologia cultural, sendo que, nesta cultura, carrega-se a identidade de quem está produzindo e/ou de quem está sendo mostrado para a sociedade. Segundo Wagner e Mikeesell, (2003), a noção de cultura considera não indivíduos isolados, mas comunidades de

peças as quais ocupam um espaço determinado, além das numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades. Campos (2013, p. 12) destaca que a:

Cultura, trabalho, capital, produção e reprodução da sociedade, imagens, paisagens, o meio e seu significado. A ciência geográfica e as artes possuem um elo característico em seu desenvolvimento: a sociedade e, por conseguinte, o espaço. O cinema está inserido nessa aproximação com a geografia, não somente como expressão cultural e artística, o seu alcance comercial, industrial e enquanto instrumento de representação o torna um agente transformador do espaço.

A partir da cultura, pode-se encontrar e compreender diversos acontecimentos espaciais (humano e natural). Nessa perspectiva destaca-se o cinema como um símbolo responsável por mostrar e influenciar determinados grupos, por meio da representação da paisagem e do lugar em determinados grupos sociais. Segundo Tuan (1980), o ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Assim destaca Campos (2013, p. 16) que o:

Lugar é o conceito geográfico mais tangível na narrativa cinematográfica, sua essência estará visível entre os conceitos que constroem a personagem, sua origem, destino, afetos e jornada estão repletas de lugares, que no fenômeno narrativo se transpõe para a dinâmica do espectador durante e após o filme.

A exposição dos lugares, realizada pela indústria cinematográfica nos filmes, reflete costumes, estruturas, ideologias e identidade de diversos grupos. O filme utiliza-se do fator apropriação para construir sua história. Em busca de novas linguagens, Fernandes (2012) explica que a Geografia e Literatura ganharam notoriedade, força e profundidade no mundo acadêmico após a renovação, repaginação dos fundamentos teórico-metodológicos e a crise paradigmática dos anos de 1970. Infere-se que o estudo da Literatura abre um leque de abordagens na ciência em questão, seja física ou humana, mostrando que estas duas vertentes geográficas estão interligadas. Almeida e Olanda (2008, p.9) declaram que:

É possível desvelar a relação do homem com o meio de sua vivência por intermédio da literatura? Apreender eventos pela subjetividade artística materializada na obra literária, possibilita conhecer aspectos sócioespaciais de determinada sociedade? As possibilidades de respostas para tais questões se efetivam por meio da abordagem cultural na Geografia que se fundamenta na Geografia Humanística.

Esse estudo com a literatura se torna cada vez mais necessário, pois este saber possui um ideal subjetivo na caracterização do espaço geográfico, em que o ser humano está presente. O mesmo, caracterizado nas obras literárias e a geografia, se conceitua na relação homem e o meio. Nessa conjuntura, Marandola Junior e Oliveira (2009, p.488) afirmam que “a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar”. Por esta via, muito tem se discutido a partir das noções de território, lugar, paisagem e região, tanto em sentido conceitual quanto metafórico.

Com o estudo de obras literárias, visualiza-se um campo vasto de informações a respeito do espaço geográfico. O poema *Amarante*, de Da Costa e Silva (1908, p.12) é um exemplo disso. Nele encontra-se a seguinte passagem: “Que encanto natural o seu aspecto encerra! Junto à paisagem verde a igreja branca, o bando das casas que se vão, pouco a pouco, apagando com o nevoento perfil nostálgico da serra”.

Nesse trecho do poema, observa-se que o poeta descreve características da sua cidade, abordando seu lugar e a paisagem do local (Figuras 4 e 5). Colocando em foco a importância do relato da experiência que o narrador possui ao descrever as particularidades do lugar e da paisagem. Como enfatiza Santos (1994), a “paisagem não é só um conjunto de objetos em uma determinada extensão espacial, ela é também impregnada de movimentos, sons, cheiros, cores”.

Figura 4 - Fotografia da Igreja de São Gonçalo de Amarante - Cidade: Amarante - Piauí.



Fonte: Lima (2008).

Figura 5 - Fotografia de vista da Chapada de São Francisco do Maranhão (Cidade vizinha a Amarante-PI) juntamente com o rio Parnaíba.



Fonte: Lima (2008).

A paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transformam para se adaptarem às novas necessidades da sociedade. Na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, retrata-se a vida de uma família que convive no ambiente semiárido, ressaltando as dificuldades do local. Ramos (1965, p. 51) retrata esta questão no fragmento de texto a seguir:

Alargou-se o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de aluvião, aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. Prestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finar-se, até os espinhos secariam.

Nesse trecho da obra, pode-se ampliar o estudo dos conteúdos geográficos para diversas questões, desde a convivência com o semiárido até as questões relacionadas ao clima e à formação de relevo. Esta descrição presente na literatura possibilita ao leitor e ao pesquisador entender melhor como essas populações vivia (ou vivem) nesse ambiente, sua cultura, o estudo dos solos, fauna e flora, clima. Além de mostrar como esses fatores influenciam no local. Por isso, é compreensível que muitos pesquisadores busquem suporte na literatura. Moreira (2007, p. 149), ao discutir o romance, o considera um gênero que narra, com a mesma riqueza de objetividade da ciência, o movimento das formas do mundo, o devir como estado da realidade. E a ciência descreve o fenômeno com a mesma riqueza de

subjetividade do romance. Foi esse contexto e esta visão sobre a interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura que incentivaram o interesse pela abordagem cultural, um campo de estudo que já se encontravam ampla discussão.

Deve-se destacar que as relações entre espaço e cultura servem para enriquecer de forma surpreendente a compreensão geográfica no mundo. Em vista disso, a próxima seção abordará, com base na influência da abordagem cultural, o pensamento de alguns geógrafos que impulsionaram a abordagem humanista, caracterizada pelo estudo das religiões, das percepções, do sentido do lugar e das atitudes em relação ao meio ambiente.

2.4 O Lugar na literatura: nexos entre Geografia, Cultura e Identidade

O conceito de Lugar na ciência geográfica esteve, por bastante tempo, na tangente dos estudos científicos geográficos, ou seja, trilhou como uma categoria periférica. Além de ser associado ao conceito de local, relativo à localização de um determinado ponto. Entretanto, com o advento das pesquisas voltadas à cultura e com a consolidação da corrente Humanista, esta categoria passou a demonstrar suas definições e funções na ciência geográfica e áreas afins.

Em relação aos aspectos culturais, verifica-se que, a partir da percepção da pluralidade dos modos de vida das sociedades — isto é, dos costumes, das práticas que os homens utilizam em suas atividades diárias e coletivas —, compreende-se que o suporte cultural é uma reserva de informações para a compreensão do espaço geográfico, visto que modifica o meio natural.

Nesse sentido, a literatura tem alcançado um grande prestígio acadêmico, sobretudo devido ao suporte de informações que possibilitam ao geógrafo o conhecimento e a compreensão. Para que haja compreensão acerca das paisagens e dos lugares, é preciso investigar se em determinado espaço articulam-se experiências vívidas dialogadas a partir das ações dos personagens, resultando na possível construção de suas identidades a partir do cotidiano abordado na obra. Assim, Dardel (2011, p. 3) relata que:

A linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que “fala” sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso “objetivo” do erudito, porque ela transcreve fielmente o “texto” traçado sobre o solo. O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem ao um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante.

Na relação entre Geografia e Literatura, observa-se a valorização e a inter-relação do espaço geográfico com a experiência do homem no mundo vivido, além de ser possível situar

sua condição a partir do momento em que o ele se apropria do mundo, seja por experiências e sentimentos. Alguns exemplos de trabalhos nos quais é forte a presença da arte literária são: o artigo *A Odisseia*, de Vidal de La Blache”, publicado em 1904, e a obra *Cosmos* de Humboldt, dedicados à literatura e à pintura (BROSSEAU, 2007).

A associação com a Literatura se torna cada vez mais necessária por conta do ideal subjetivo que há na caracterização do espaço geográfico, em que o ser humano está presente na relação com o meio. Apesar dessa subjetividade, a escrita, ao se tornar mais literária, ganha intensidade expressiva, devido ao estremecimento do real que é oferecido pela dimensão temporal restaurada (DARDEL, 2011). Nessa perspectiva, Almeida e Olanda (2007) tentam compreender se é verídico o diálogo entre a ciência geográfica e a arte literária, partindo de uma relação análoga e ao mesmo tempo particular, visto que nos contos, poesias e romances e em qualquer outro tipo de expressão literária é compreensível o relato de um enredo dentro de um espaço.

Deste modo, Maia (2001) destaca que a descrição é fundamental para a compreensão do espaço geográfico e que, na elaboração dos contos e romances, a descrição é imprescindível. Assim, observa-se a união do contraste entre o real e o imaginário, objetivo e o subjetivo, ciência e a arte. Na construção da relação entre a ciência e a arte são verificadas as singularidades presentes nos objetivos. Em contrapartida, os objetos são diferenciados por parte de cada uma. Isso nos permite verificar e desvendar o mundo, contribuindo para nossa compreensão sobre ele. Observa Monteiro (2002) que a Literatura, através de suas obras, possui como proposta nos fornecer uma visão particular do mundo, mas que, de nenhum modo, a criação literária substitua a Geografia, e sim que a considere uma complementação enriquecedora.

É verídico que, desde o período primitivo, os seres humanos desprovidos de escrita, relatavam sua experiência e descreviam as paisagens a partir das pinturas. Esta afirmação é confirmada por Claval (2010), para o qual, desde a origem dos tempos, todo homem é geógrafo. A seu ver, o mundo científico é resultante das experiências renovadas e de procedimentos imaginados. Assim, o relato de experiência, através das pinturas, possui a finalidade de dar um sentido as suas existências e compreender o que acontece para além dos horizontes que eles frequentam costumeiramente.

Neste contexto, observa-se que Claval (1984 *apud* BROSSEAU, 2007) destaca que, a partir dos anos de 1960, a nova necessidade de cientificidade que iria marcar a geografia não era mais propícia a esse tipo de orientação, devido ao subjetivismo que lhe seria associado. Essa desconfiança dos geógrafos também atingiu a filosofia e a psicologia. A perspectiva

fenomenológica se tornou bastante viável para a interpretação. Brosseau (2007, p.19) ainda assevera que:

[...] procurando colocar o sujeito (um pouco abandonado, em favor dos bancos de dados) no centro dos seus trabalhos, numerosos geógrafos, evocando de maneira mais ou menos direta a fenomenologia, promoveriam a utilização da literatura. Essa podia servir de forma preciosa, capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagem.

Nesse sentido, Frémont (1990 *apud* BROSSEAU, 2007), afirma que a geografia também dependia, em parte, da arte, pois convidava os geógrafos a refletirem sobre as obras literárias para eliminar a divisão dos saberes sobre o espaço.

Deste modo, são perceptíveis as múltiplas dinâmicas a partir do diálogo entre as distintas áreas. Neste discurso, verifica-se que a relação entre Geografia e Literatura é confirmada a partir da valorização na descrição do espaço geográfico por meio da experiência do homem no mundo vivido.

Nesse âmbito, a relação entre literatura e geografia configura-se recíproca, no sentido de ambas servirem como suporte teórico e metodológico para sustentarem suas próprias produções. Este é o desafio de alguns geógrafos: situar aproximações entre a ciência geográfica em obras literárias em determinado espaço.

Sousa (2010, p. 27) afirma que “o espaço, objeto de investigação da geografia, é responsável por temporalizar os fenômenos que ocorrem na superfície terrestre”. Nesta acepção, o espaço pode ser compreendido como lugar onde o homem busca estabelecer suas diferentes representações, seja ideológicas ou reais, suas ações e seus interesses. Assim, buscar compreender as relações que os homens englobam com o meio próximo, é considerar as técnicas que lhes permitem dominá-lo ou lhes permitem produzir total ou parcialmente aquilo do que necessitam, e de tornar habitáveis lugares difíceis.

Por meio da literatura, é permitido mostrar o lugar vivenciado pelos personagens, seja real ou fictício, suas necessidades, seus desejos, os sentimentos e as dificuldades, de modo subjetivo. Esses pontos expressos no cotidiano das obras literárias são caracterizados como signos e símbolos. Como assevera Sousa (2010, p. 28):

A literatura mostra o mundo vivido por seus personagens, suas dificuldades, alegrias, cores e movimentos. Os símbolos e os signos surgem por meio de uma subjetividade e estão deambulando e gritando pelas ruas da cidade, esperando que alguém atento os ouça e os liberte para que vivam além do seu tempo. De maneira livre, fundada no critério estético, a literatura é, ao mesmo tempo, voz e escuta do mundo.

Os aspectos ressaltados no estudo mostram que o lugar é um conceito bastante acentuado na Literatura, sendo que o cotidiano expresso pelos personagens (suas formas de relacionamento) demonstra traços de suas culturas e identidades. Em relação à identidade, destaca Souza (2010, p. 29) que:

Um termo que não pode ser eximido desta compreensão é um panorama de crise das identidades identificado por boa parte dos autores revisados para esta pesquisa. A identidade, mesmo passando muito tempo como uma questão de segunda ordem, hoje, emerge sobre um panorama agonístico onde as certezas plantadas no mundo cartesiano foram profundamente questionadas, paulatinamente, durante todo o período moderno. Vivemos um tempo de um sujeito de identidades fragmentas e múltiplas que põe em questão uma série de certezas firmadas.

Um dos principais autores a debater o conceito de identidade nos estudos culturais foi Stuart Hall, que, a partir da reflexão de sua própria experiência como migrante, iniciou a reflexão em torno da raça, a partir do final dos anos 1970. Em relação ao conceito de identidade, vinculado à cultura, Hall (1996, p. 68) assim o descreve: “a identidade é compreendida como culturalmente formada e, por sua vez, está ligada a discussão das identidades coletivas, como as identidades regionais e nacionais e outras que formam quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos e imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real”. Segundo Rosa (2012, p. 5):

Nos anos 1990, Stuart Hall inicia efetivamente a teorização sobre identidade cultural com os textos *Identidade Cultural e Diáspora* (1996) e *Quem precisa de identidade?* (2000). Escosteguy (2001, p. 141) identifica duas razões para o surgimento da identidade cultural como objeto de pesquisa nos estudos culturais: (1) a desestabilização gerada pela modernidade e a discussão do panorama de crise moderno e (2) os processos de globalização que se intensificaram a partir desta última década do século XX.

Hall (1996, p. 68) tem uma importante contribuição porque desenvolveu a ideia de que a identidade cultural pode ser vista a partir de dois enfoques: o primeiro concebe uma cultura partilhada, em que há um unificador nos sistemas culturais responsável por congregar os sujeitos sob uma mesma identificação com quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes da nossa história real. A partir disto, este autor explica que as identidades culturais.

[...] são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um *posicionamento*. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem sem problemas, transcendental (HALL, 1996, p. 70).

O segundo enfoque baseia-se na visão particular sobre a discussão das identidades culturais. Cuche (1999) que, com ideias similares a Hall (1996) faz um paralelo entre as duas posições vistas até aqui, apesar compreender nomes diferentes, e relaciona estes posicionamentos com a noção de cultura sob a qual estamos falando — que tem uma relação direta com a identidade.

Para este autor, a cultura pode existir sem a consciência de identidade (CUCHE, 1999), porém uma identidade cultural, evidentemente, não pode existir sem um sistema cultural. A identidade cultural, por sua vez, é compreendida através de processos conscientes de vinculações (normas), classificados por oposições binárias ao passo que a cultura é um processo inconsciente. A noção de identidade, portanto, é relacionada, segundo Cuche (1999, p. 179) em relação à noção de cultura que determina o essencialismo ou o construtivismo:

Há uma estreita relação entre a concepção que se faz de cultura e a concepção que se tem de identidade cultural. Aqueles que integram a cultura como uma segunda natureza, que recebemos de herança e da qual não podemos escapar, concebem a identidade com um dado que definiria de uma vez por todas o indivíduo e que o marcaria de maneira quase indelével. [...] Em uma abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não mais considerada como determinante, mas na herança cultural, ligada a socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural.

Enquanto que, para Bauman (2005), a partir de seu pensamento sobre a modernidade líquida, percebe uma ambiguidade entre as duas concepções identitárias. A liquidez da modernidade tardia enunciada por ele ou, até mesmo, a vivência de um tempo pós-moderno (postulado por autores como David Harvey, Frederic Jameson e outros), confere aos sujeitos uma posição agonística de mal-estar que não o deixa à vontade para compreender uma identidade cultural fragmentada que estabeleça uma posição dialógica de abertura e constante. Bauman (2005, p. 35) discorre que:

Ao mesmo tempo, a experiência essencialista vivenciada pela exacerbação das identidades nacionais, amplamente mencionadas por ele, não é postura malvista: O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente nem-um-nem-outro, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular estar fixo ser identificado de modo inflexível e sem alternativa é algo cada vez mais malvisto.

Deste modo, vê-se que a construção da identidade está relacionada ao sentimento de experiência resultante da relação do indivíduo com o lugar. Tuan (2013, p. 12), destaca ao descrever que o “Lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. E que a partir do momento em que o ser humano não possui o espaço, ele acaba por desenvolver sua ansiedade e se torna um ser transtornado. Neste sentido, destaca-se a descrição de Oliveira (2014, p. 11) de que ‘a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências comuns, do dia a dia.

Deste modo destaca-se a construção da identidade espacial de cada ser humano é essencial visto que a mesma é a construção do particular no meio coletivo. Bossé (2004, p. 158), ressalta que historicamente os geógrafos se interessavam particularmente pela “identidade dos lugares” e pelos papéis que estes desempenham na “formação de consciências individuais e coletivas” Em um primeiro momento, apoiado na observação de como as pessoas, sujeitos, e agentes geográficos recebem e percebem, constroem e reivindicam identidades cristalizadas em suas representações e em suas interpretações dos lugares e das relações sociais. Deste modo verifica-se na análise da obra *Beira Rio Beira Vida*, a seguir a relação entre a Geografia, Lugar e a identidade espacial.

3 UM “MERGULHO” NA OBRA *BEIRA RIO BEIRA VIDA*: LUGAR GEOGRÁFICO E IDENTIDADE ESPACIAL

A existência do lugar é resultado de um investimento que só se fez possível porque esse espaço não foi apenas um espaço de passagem, mas um espaço onde se fez pausa. Não a pausa da imobilidade, mas aquela necessária para a efetivação de uma ocupação material e simbólica. Esse salto que eleva, qualitativamente, o espaço à condição de lugar é uma construção. (VASCONCELLOS, 2008, p. 6).

O foco principal desta seção é a análise da obra literária *Beira Rio Beira Vida*. Nesta, observa-se a experiência de vida do narrador e dos personagens, a qual é construída no principal espaço da obra, o cais. São dialogadas as vivências e experiências dos personagens marginalizados pela sociedade urbana parnaibana, no início da segunda metade do século XX, entrelaçados a partir dos pressupostos teóricos relacionados ao lugar geográfico, Geografia Humanista e a Geografia Cultural.

A construção desse romance está centrada na personagem Luiza, mulher que possui identidade formada a partir das imagens e opiniões de sua mãe, Cremilda, além das influências que o cais parnaibano tende a lhe ofertar. Quando Luiza tem uma filha, Mundoca, a mesma resultante do amor exacerbado que a personagem possuía pelo marinheiro Nuno, ela buscará para a sua filha uma experiência de vida diferenciada das gerações da sua família.

Deste modo discutirá cronologicamente o espaço e o lugar presente na tetralogia piauiense de Assis Brasil. Além de dissertar a respeito das influências dos ideais e pensamentos propostos pelo movimento Regionalista, que teve como precursores: Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Rachel de Queiroz. Tal movimento influenciou diversas obras escritas por Assis Brasil, principalmente quando ele descrevia como principal espaço a cidade de Parnaíba – Piauí, passando à análise da obra na sequência.

3.1 As noções de *espaço* e *lugar* na Tetralogia de Assis Brasil

Uma abordagem do movimento literário no qual estava inserida a obra é imprescindível para sua compreensão. Exposto ao horror de duas guerras o ser humano vive tempos sombrios durante parte do século XX (ABAURRE, 2005, p. 536), por conseguinte a literatura teve a necessidade de responder as indagações espirituais e as questões subjetivas acerca intemperanças dos indivíduos na busca por novos caminhos, deixando lado o clima de leveza que marcou o início do século XX.

Esse ambiente foi propício para a eclosão do Modernismo, uma corrente artística caracterizada pelo rompimento com os padrões artísticos de criação, contrapondo-se aos movimentos literários antecedentes. Em consoante com Coutinho (1986, p.244):

[...] na Literatura Brasileira Modernista, vamos encontrar a valorização de diversas categorias que a colocam em antítese às épocas “antigas”. Em vez da universalidade e do absoluto, o que lhe importa é o particular, o local, a circunstância, o pessoal, o objetivo, o relativo, o detalhe, a multiplicidade; em lugar da permanência é a mudança, a diversidade, a variedade, ao absoluto, prefere o relativo, à Verdade, muitas verdades; às normas absolutas, o relativismo e diversidade de experiência artística e dos casos individuais; à instabilidade, o movimento: a Natureza, a natureza humana; [...] à descrição e revelação do mundo exterior, o sentimento de existência subjetiva; fugindo á tradição da nobreza, dignidade e decoro, incorporou os assuntos baixos e sujos, a realidade cotidiana, o terra-a-terra, o circunstancial e o particular.

O movimento literário abordado o qual se enquadra a obra tem como característica a retomada de um olhar realista, ao tratar de questões sociais regionais. Os romances escritos a partir desse período retomam dois momentos anteriores no cenário literário brasileiro são eles: o Romantismo e o Realismo Naturalismo do século XIX, tendo em vista que a partir desses períodos literários a literatura regionalista foi legitimada no Brasil.

Assim, vislumbram-se os vários significados adotados pelo termo regionalismo e faz-se necessário a sua delimitação. Coutinho (1986) aborda o regionalismo adotando duas definições, a primeira em sentido amplo, parte do pressuposto que toda obra de arte é regional a partir do momento que tem como pano de fundo alguma região em particular ou quando a mesma denota a impressão de germinar intimamente desse fundo. De maneira estrita, o autor afirma que para ser considerada regional, uma obra de arte não necessita apenas ser trabalhada em uma região, mas também deve incumbir-se de retirar a substância real, ou seja, abstrair a essência de cada local.

Então, a narrativa regional romântica aparece como alternativa de conscientização, visto que a mesma tende a priorizar o caráter nacional com o seu localismo, folclore e tradição, mesmo tendo utilizado artifícios como subjetivismo saudoso e o escapismo romântico. Nesse contexto, os românticos revelaram uma identidade nacional que se encontrava vinculada à literatura portuguesa, assim os românticos realizaram uma revolução estética afim dar à literatura brasileira o caráter de uma literatura nacional. Partindo de uma exemplificação mais contundente a cerca da formação identitária nacional Riccoer (1985, p. 432), afirma que a:

Identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra.

Ademais, no Realismo-Naturalismo, observa-se o interesse pela relação entre os seres humanos e os espaços nos quais estes habitam. Contudo, manifesta-se em uma perspectiva mais determinista, ou seja, o impacto do meio sobre o indivíduo. De tal modo o Romantismo possibilitou a valorização dos elementos locais, bem como a análise e interpretação da sociedade e da realidade brasileira.

O Realismo - Naturalismo continua abordando a mesma concepção do Romantismo, abrindo mão apenas, do saudosismo e dos escapismos românticos, para compreensão da existência verossímil do homem em seu espaço, nessa perspectiva Coutinho (1986) defende o regionalismo baseado no pressuposto de análise das regiões culturais e na relevância da produção literária para o Brasil e não baseado apenas em critérios de divisão geográfica do país. Dessa maneira, o Regionalismo busca conhecer o indivíduo como resultado de uma síntese do meio a qual pertence.

Dialogando com o pensamento de Sondré (1985, p.408) o mesmo afirma que “[...] o regionalismo revelou o Brasil aos brasileiros, apesar de seus quadros pejados de natureza ou entraves da erudição verbalista que proporcionou em muitos casos. Procurou dar à cor local um sentido mais profundo do que o trazido pelo sertanismo”.

Nessa perspectiva de trabalhar os vários tipos humanos brasileiros, vários escritores ditos regionalistas, retrata a sociedade brasileira em “largos painéis coloridos”, na busca de mostrar o homem brasileiro espalhado nos distantes recantos do país, o regionalismo ganha uma relevância, até então não alcançada no domínio literário brasileiro e encontra ressonância nas relações do personagem com meio natural e o seu universo social.

Portanto, foi a partir do regionalismo que se mostrou o Brasil e as várias regiões culturais aos brasileiros. Em uma alternativa de descoberta do próprio país, através da literatura e de contribuições do Romantismo como a revelação das diferenças de cada região, presentes na cultura, nos aspectos sociais e na língua. Em contrapartida o Realismo-Naturalismo ocupou-se de manter os valores adquiridos do Romantismo e acrescentar os seus que estão baseados no cientificismo e na descrição “desapaixonada” dos fatos. Contribuições voltadas para um regionalismo que atuará no modernismo em um processo construção da identidade nacional.

O romance de 1930 trás consigo uma inovação, pois, abandona a idealização romântica e a impessoalidade exacerbada do realismo, com isso consegue apresentar uma visão das relações sociais e do impacto que o meio estabelece sobre o indivíduo. As origens literárias que mesclam a ficção de 1930 às duas estéticas do século XIX deram espaço para que os romances escritos nesse período fossem intitulados como realistas ou neorrealistas. Os romancistas de 1930 investigaram as relações entre o homem e o espaço e as relações sociais de modo a denunciar a fome, a seca, a miséria, a ignorância e a opressão, sobretudo do homem nordestino. Assim se pronuncia em Bosi (1975, p.436):

O Modernismo é, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia. Tais narrativas valorizam a análise objetiva e a observação dos fatos do cotidiano, tentando criar uma imitação da vida por meio da arte literária, tanto nas relações de caráter social como na vida interior dos personagens.

O movimento regionalista consolidou-se como um dos caminhos da ficção produzida no Brasil. Pela riqueza cultural e pela grande extensão territorial, a regionalidade brasileira se apresenta de maneira diferenciada entre os mais variados “cantos” do país. O regionalismo fala do povo, de suas características, suas conquistas e mazelas. João Cabral de Melo Neto, em entrevista, datada de 1958, argumenta que,

Regionalismo não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor do homem, a alegria, as suas lutas e as suas belezas etc. [...]. O que limita o regionalismo não é o tema de interesse circunscrito, mas a linguagem, com seus perigos de fixação que lhe poderá inutilizar a universalidade. [...] O que interessa é o problema do homem. Quando me bato pelo regionalismo é para mostrar, numa anedota, o local, os sentimentos comuns a todos os homens. O homem só é amplamente homem quando é regional. Se me tirar a estrutura ideológica do pernambucano, eu nada sou. Faulkner, por exemplo, é profundamente universal porque é regional e nacional. [...] O perigo do regionalismo para o poeta é também a limitação da linguagem, porque o conteúdo psicológico lá está indiretamente no seu conteúdo humano. E a poesia, em geral, não é realista, ou melhor, não permite tanto realismo como o romance (Entrevista a Marques Gastão, Diário de Lisboa, Lisboa, 03 de maio 1958).

Diante dessa exposição, pretende-se interligar a temática regionalista com construção literária de Assis Brasil. Revelações sobre novos dados da realidade nacional, o teor descritivo, os romances e o Nordeste foram exemplos de temas discutidos por nomes como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Guimarães Rosa. No entanto, há de

se considerar que o regionalismo visa retratar determinada região do Brasil, seja qual for a sua peculiaridade política, social, econômica, cultural e seus modos de vida. Leopoldino (1985) explica que discutir o regional seria, na realidade, tratar de uma região na configuração global da identidade nacional.

No que se refere à *Beira Rio Beira Vida*, a cidade de Parnaíba segue as mesmas características de subdesenvolvimento de outras cidades brasileiras, isso diz respeito ao âmbito econômico, social e de preconceitos. Assis Brasil (2012) revela as características próprias do homem (seus personagens) e da sociedade (parnaibana) em que está inserida (mesmo que alguns personagens sejam marginalizados), assim como explicita a inversão de valores e as denúncias testemunhadas pelo seu olhar.

Candido (2004) aponta que a literatura regionalista realizada até os primeiros anos do século XX se concentrava no caráter paisagístico em que o homem (urbano), portanto, através da literatura, era possível compreender como vivia o homem (rural) ou, pelo menos, aqueles que viviam fora da fronteira da cidade.

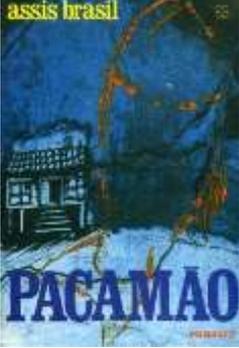
Nesse contexto, destacam-se as obras escritor piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil, que realizou uma abordagem do espaço e do lugar em diversas obras contemporâneas, como é o caso da Tetralogia Piauiense, constituída por: *Beira Rio Beira Vida* (1965), *A Filha do Meio Quilo* (1966), *O Salto do Cavalo Cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969).

Cumprir enfatizar que, apesar do curto período de tempo de lançamento das obras e o fato de todas terem como pano de fundo a cidade de Parnaíba (sua cidade natal), elas se diferem quanto ao contexto e à realidade de vivência do autor. É comum a todas estas obras as críticas sociais feitas por Assis Brasil.

Magalhães (2007) afirma que os três primeiros decênios do século passado, época que antecedeu o período dessas obras, foram decisivos para a formação do cenário literário piauiense. Quanto às obras datadas do século XIX, a autora prefere se direcionar a elas como “manifestações literárias”.

Uma característica da tetralogia de Assis Brasil (Quadro 2) foi que o escritor teve o Piauí como pano de fundo — ora o litoral, ora o sertão —. Ele procurou desvendar os mistérios locais e os causos sobre sua realidade social, evidenciando críticas sociais e o modo pelo qual a sociedade se comportava a época, tanto as pessoas ricas quanto as pessoas mais humildes.

Quadro 2 - Elementos da Tetralogia Piauiense de Assis Brasil.

| Tetralogia Piauiense | Personagens principais | Espaço | Lugar | Crítica Social |
|---|--|--|---|--|
|  <p>(1965*)</p> | Cremilda, Luíza, Mundoca, Jessé, Nuno e Jacinto. | Cidade de Parnaíba | O Cais (enquanto periferia da cidade); O Centro (enquanto palco da burguesia). | Reivindicação social; Denúncia; Discriminação; Preconceito; Marginalização social; Desemprego; Prostituição. |
|  <p>(1966)</p> | Lucília, Romualdo, Cota, Padre Gonçalo** | Cidade de Parnaíba (paroquial e provinciana) | O interior da cidade | Sociedade mesquinha; Perseguição; Imposições; Caráter social; Sociedade e Religião. |
|  <p>(1968)</p> | Zita, Inácio e Dona Candinha. | Interior do Piauí (ambiente rural) | Sertão piauiense | Marginalização social; Miséria; Condições precárias; Fome; Reforma Agrária; Vida e Morte. |
|  <p>(1969)</p> | Darcy, Elza, Nazinha, Leandro, Zuleica e Bento Mavinier. | Cidade de Parnaíba | O palacete de uma família em declínio financeiro, moral e social no centro da cidade. | Decadência financeira e moral; Caráter social; Status; Humilhação; Morte. |

(*) A capa apresentada é da edição do ano 2012, pela Fundação Quixote. Esta consistiu na edição utilizada neste trabalho.

(**) Personagem presente em toda a Tetralogia. Organização: Lima (2016).

Quanto à obra *Beira Rio Beira Vida*, objeto desta pesquisa, pode-se afirmar que ela possui um caráter de denúncia e, por essa característica, na visão de Leite (2010, p. 3), “apesar de a obra ter sido bem aceita pela crítica, ela sofreu resistência por parte dos comerciantes parnaibanos. Esta rejeição houve porque os comerciantes foram retratados de outra forma até então desconhecida, capitalista e oportunista”. Esse caráter de denuncia é fruto da vivência de escritor Assis Brasil na cidade de Parnaíba como se constata em uma entrevista do autor publicada na Revista Sapiência (ASSIS BRASIL, 2007, p.7):

Sapiência - Os romances que compõem a Tetralogia Piauiense constituem, de alguma forma, reminiscências da sua infância e juventude passadas em Parnaíba?

Assis Brasil - Sem dúvida. Conheci Luíza pessoalmente, que estilizei, através da criação para o romance. Ela, já velha, tinha se “aposentado” da prostituição e vivia lavando roupa para fora. Ela lavava lá para casa. Quando ela desaparecia, minha mãe me pedia para ir procurá-la no cais. Eu tinha uma bicicleta e isso facilitou a minha ida aos subúrbios pobres de Parnaíba. Assim foi que conheci a vida como ela é...e me deu mais estofamento para escrever. Além da Tetralogia, publiquei Histórias do Rio Encantado, que se passa no mesmo cenário socialmente marginal.

No que concerne ao espaço da narrativa, Assis Brasil em *Beira Rio Beira Vida*, inicialmente, a obra foi categorizada como sendo um romance de província. Isso porque a narrativa se passa no cais da cidade Parnaíba. Entretanto, “com a crítica contemporânea, o romance [passou a ser] classificado como “romance de periferia”, por abordar os problemas sociais da margem que Parnaíba se encontrava” (LEITE, 2010, p. 4).

Beira Rio Beira Vida retrata uma Parnaíba dividida entre dois espaços distintos: o centro e o cais. O primeiro se apresenta de maneira que mostra a interferência do poder público na melhoria da sua infraestrutura. Era onde se assentavam as famílias mais abastadas (políticos e ricos comerciantes). O segundo espaço, por sua vez, se caracteriza por ser considerado um palco do:

[...] espaço do trabalho, da marginalização urbana, da pobreza material, do comércio do corpo, da exploração da mão de obra e da exclusão social. É o lugar da miséria humana. Essa divisão dá corpo à estratificação social, revela os muros simbólicos erguidos e que colocam cada personagem em seu devido lugar, malogrando qualquer tentativa de fuga dessa condição, como se o destino tivesse fadado cada um a ser o que é. Assis Brasil representa a Parnaíba dos trabalhadores, dos lugares sociais ocupados, bem como dos papéis assumidos coletivamente (SOUZA, 2014, p. 1-2).

Em 1966, ao lançar *A Filha do Meio Quilo* (1966), Assis Brasil apresentou a cidade sob um olhar provinciano e paroquial, com toques críticos sobre o que caracterizava aquele ambiente, repleto de hipocrisia social, falso moralismo, conservadorismo e tradicionalismo. A esse respeito, Foggetti (2006, p. 22) revela que, na obra, há “traços de melancolia e revolta com os padrões sociais estabelecidos que influenciam as atitudes diante da morte e do fado que é apresentado a essas personagens”.

Já em *O Salto do Cavalo Cobridor* (1968), o autor contempla o sertão piauiense e o trabalhador rural. Nesta obra, Assis Brasil permeia, de forma mais enfática, no cunho social. Ele discute, por exemplo, a reforma agrária em determinados trechos. Além de evidenciar as condições subumanas deste povo, apresenta “os costumes do sertanejo, imprimindo ao romance um teor regionalista” (FOGGETTI, 2006, p. 20).

Na última obra da Tetralogia, *Pacamão* (1969), evidencia o cotidiano de uma família em crise financeira. O autor volta a usar a cidade de Parnaíba como pano de fundo. Mostra o cotidiano e os casos de uma família que residia em um palacete e estava mergulhada em uma crise econômica e social. Este núcleo familiar utilizava a residência como símbolo de *status* e fortaleza a sua classe social. Sobre isso, Foggetti (2006, p. 21) relata que,

A casa é uma fortaleza, a única “sobrevivente” da família. Os membros se utilizam dela no intuito de permanecer no tempo, de sobreviver à mudança social. É o local aonde se protegem do julgamento da cidade, mas que aos poucos vai consumindo seus moradores, provocando sofrimento e morte. Em Pacamão, a sina se materializa na figura do Palacete, tão adorado e amaldiçoado, símbolo do status da instituição falida que é esta família, e afronta à miséria social que a cerca.

Ao se discutir textos literários, “é preciso ter certo cuidado” (BARCELOS, 2009, p. 45), pois, segundo Short (1991 *apud* BARCELOS 2009), tais produções são representadas por uma dialética do contexto social, devendo-se levar em consideração o viés socioeconômico. Dessa forma, o texto não se apresenta como um produto neutro, assim destaca Assis Brasil (2007, p. 7):

Sapiência - Muitos de seus romances podem ser apontados como obras de denúncia social, como por exemplo, *Os que bebem como os cães*, além dos que integram a Tetralogia Piauiense. O senhor se considera um escritor “engajado” na luta pelas causas políticas e sociais?

Assis Brasil - Claro que sim. Toda a minha obra, incluindo os livros infantojuvenis, giram sob a essa ótica. Sempre defendi a tese de que todo escritor, todo artista, têm essa preocupação em sua obra, quer implícita ou explicitamente. O conhecimento em nosso país é muito limitativo. Fizeram a diferenciação entre “engajado” e ‘alienado” e pronto. E ainda hoje, quando

as ideologias desapareceram, muitos continuam a “pastar” nesse simplismo. Uma vez defendi Clarisse Lispector e Samuel Rawet da acusação de serem escritores ‘alienados’. A acusação foi feita pelo Paulo Francis, que pertencia a uma corrente supostamente engajada, que era conhecida como ‘esquerda festiva’. Ele era leitor da editora “Civilização Autorais” de seus editados.

Assim, compilando as quatro obras, vê-se “várias Parnaíbas” sob a ótica de Assis Brasil, as quais apresentam um complexo panorama social e psicológico. Também é possível perceber a relação dos personagens com o lugar em que estão inseridos, como discutido nas obras de Paul Claval, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph.

3.2 A obra literária *Beira Rio Beira Vida*: lugar e identidade espacial

Beira Rio Beira Vida caracteriza-se por descrever, ao longo de suas páginas, é uma reprodução da realidade. A veracidade está presente na representação das práticas sociais cotidianas que são retratadas na obra. São expressas temáticas diversas, ao mesmo tempo em que ela estabelece uma linguagem literária.

A literatura regional vai além da utilização de determinado espaço geográfico, da expressão da cor local ou da utilização de temas rurais/urbanos. Ela pressupõe uma perfeita identificação do homem com a terra, a qual é expressa na cristalização das tradições locais, como costumes, superstições, mitos, lendas, linguagem, etc.

Esses aspectos também são materiais de estudo da Geografia. (CAVALCANTI; NASCIMENTO, 2009). Deste modo, enfatizam-se as características do escritor Francisco de Assis Almeida Brasil, por meio da seguinte afirmação de Cavalcanti (1975, p. 7):

Ficcionista, ele, com uma viva marca pessoal - personalíssima: escritor de sua terra e de seu tempo. Em todas as tramas que tece, vista também a paisagem, que enfoca, com singular nitidez, em suas narrativas, é - embora a palavra não me agrade muito - um telúrico. Um escritor para quem a terra existe, as árvores existem, os bichos existem. E para quem existe o homem - e suas relações íntimas com a terra, suas qualidades, seus defeitos, sentimentos e emoções, mentalidade, meio e estilo de vida.

O escritor retrata, de forma subjetiva, as características da sua cidade natal, mostrando além das particularidades sociais (desigualdades, sociedade conservadora da época, etc.), informações de cunho histórico-geográfico, a exemplo da importância do rio Parnaíba para o desenvolvimento local e global da região e dos relatos prévios sobre a estação de ferro.

Segundo Souza (2014), esta cidade, no final da primeira metade do século XX, passava por um processo de transformação urbana devido ao lucro proveniente do comércio marítimo, além da ampla comunicação com outras cidades brasileiras e do exterior. Segundo Assis Brasil. Destaca-se na obra (2012, p. 17-18):

A sineta dos navios-gaiola, o apito mais grosso de uma barca, o grito dos canoieiros, o barulho seco do arroz e feijão pisados no cais, pareciam varrer com a brisa a calçada escura, cheia de lembranças. Alguns flocos de algodão, caídos dos fardos e das barcas, acompanhavam a correnteza barrenta, os postes traziam a luz fraca da esquina.

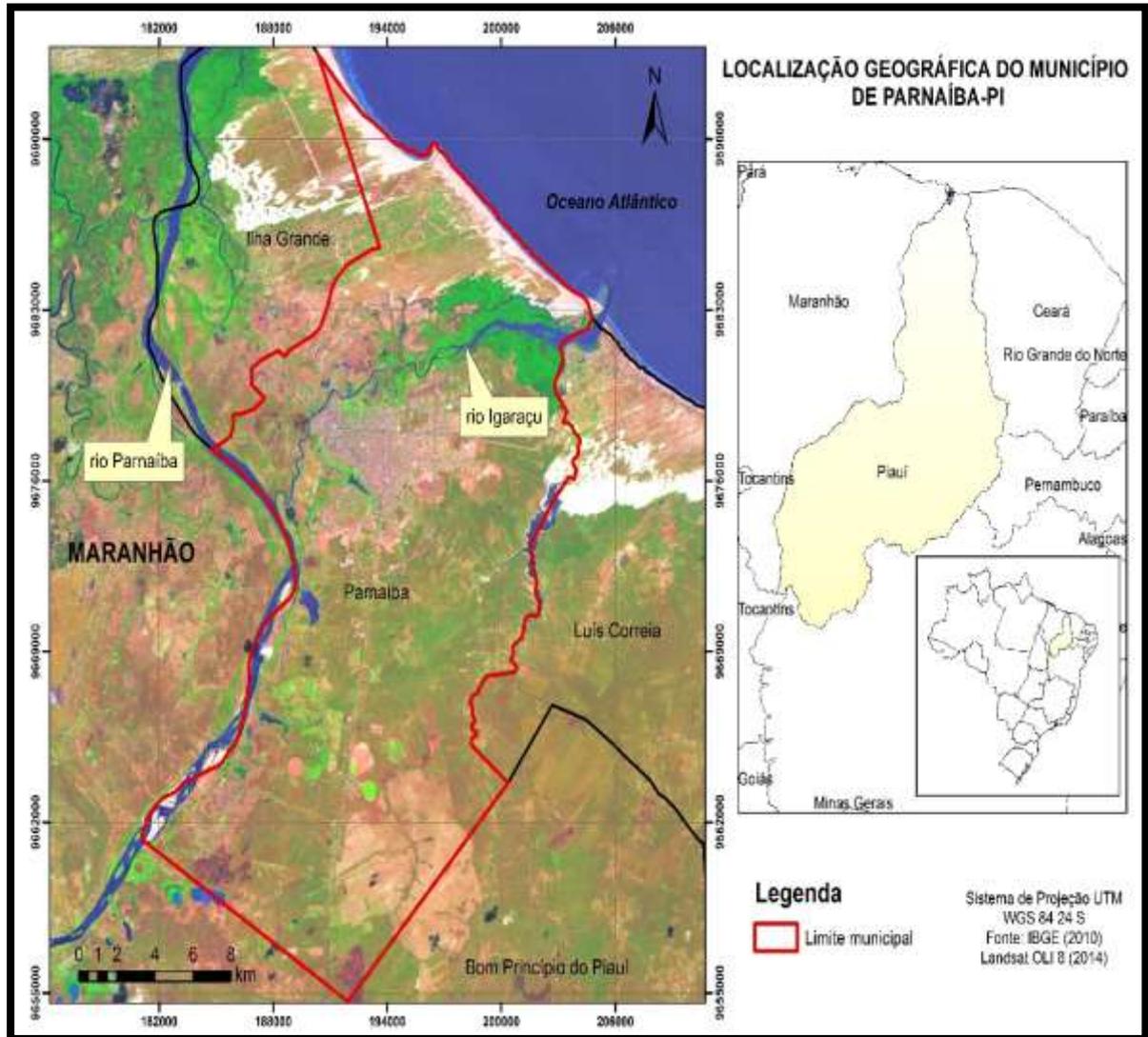
Mesmo vinte anos mais tarde ou quarenta, continuaria pelas tardes no cais – as barcas de algodão e arroz se repetindo, os navios que iam crescendo, tomando novas cores – gritos dos canoieiros atravessavam o rio, voltavam do outro lado, para lá e para cá, as canoas deslizavam magras e serenas.

Além das particularidades pertinentes à culinária e às tradições populares, que reforçam a relação entre o narrador e o ambiente, percebe-se alguns aspectos de vivência, os quais são retratados no trecho inicial de sua obra (*Beira Rio Beira Vida*). Carvalho (1979, p. 8) explicita esta questão na seguinte passagem:

Minha recordação mais distante está ligada a um muro, enorme, velho, onde cada ano que passava alguém escrevia 1937, 1938, 1939, 1940. Foi quando comecei a ter consciência do que acontecia à minha volta. O ano de 1940 foi um choque para mim. Além de ser um número redondo, visualmente definido e acabado, eu pela primeira vez senti que envelhecia.

A partir de 1940, o escritor vivenciou um choque de realidade, porque passou a observar o mundo de forma crítica, dedicando-se a escrever uma literatura crítica social, principalmente ligada à sociedade. Os espaços representados pelo cais e pela cidade também representam críticas às mazelas e aos problemas sociais. Observa-se, na Figura 4, a localização geográfica do município de Parnaíba, onde se localizam ambos os espaços retratados na obra (cais e cidade), de forma particular pelo escritor.

Figura 6 - Localização geográfica do município de Parnaíba-Piauí-



Fonte: IBGE (2010). Geoprocessamento: Geoprocessamento: Roneide dos Santos Sousa (2016). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

O livro *Beira Rio Beira Vida* não foi bem recebido pela sociedade tradicional parnaibana da época, devido à exposição de algumas características negativas pertinentes à imagem deste grupo. Além de gerar conflitos com algumas pessoas da cidade, pelo crítico social, mostra a face capitalista e oportunista de determinados grupos na cidade de Parnaíba. Souza (2014, p. 4) diz que:

Antes de abordar essas questões especificamente da obra *Beira Rio Beira Vida*, apresenta-se a seguir o Quadro 3, que possui uma breve apresentação dos personagens deste enredo.

Quadro 3 - Apresentação dos principais personagens da obra *Beira Rio Beira Vida*.

| NOME | CARACTERÍSTICAS |
|---------------|---|
| Cremilda | Mãe de Luíza, prostituta, vaidosa, ambiciosa, e, às vezes, cruel. Tenta vagamente romper as amarras que a prendem ao cais e à prostituição, por meio da nomenclatura de “empresária”. Torna-se comerciante (usina de beneficiar arroz e o armazém), por meio de uma herança do velho Santana. Mas foi enganada por um amante e perde tudo. Mas, Cremilda fogia do modelo padrão de senhora estabelecida pela sociedade parnaibana; visto que não atendia a um conjunto de regras de conduta em nome da moral e dos bons costumes deste grupo. |
| Luiza | Prostituta velha, senil, nascida e criada no cais. Vive ruminando fragmentos do passado, "conversando" com a boneca Ceci, com a filha Mundoca ou com os seus fantasmas. Como bem a definiu Fausto Cunha, é uma espécie de "barro original", uma vez que é a partir dela, das suas reminiscências, que "nascem" os outros personagens. |
| Mundoca | Mundoca, em certos momentos, demonstrava não se preocupar com a aparência, por perceber a esperança que a mãe depositava nela para que, através dela, se quebrasse a sequência de prostituição naquela família. |
| Jessé | Considerado irmão de Luíza. Foi criado por Cremilda no armazém, acreditava na possibilidade de “vencer na vida”, sair do cais estabelecer na cidade como comerciante. Buscava uma vida confortável, além do desejo de estudar e crescer na vida e retirar Luiza do cais e dá-lhe uma perspectiva de vida na cidade. Mas ao tempo que sonhava, ele tinha pesadelos. Pesadelos estes presentes no seu dia a dia, que partia da população que ele tinha convívio. Era motivo de piada por parte da população ribeirinha, pois muitos não acreditavam na possibilidade de Jessé estudar e melhorar de vida. O personagem acaba morto em um incêndio que consome uma barcaça carregada de algodão. |
| Nuno | Primeiro homem de Luíza, seu único amor. Aventureiro, corria o mundo, temia envelhecer, torna-se inútil. Um dia desapareceu para não mais retomar. |
| Padre Gonçalo | O conservadorismo se faz contemporâneo na sociedade (revelada em sua hipocrisia, tentando abafar seus escândalos) e no clero (representado por padre Gonçalo), que ignora os menos favorecidos em detrimento da elite. Isto acaba provocando um desamparo e insatisfação nos primeiros, como pode ser constatado abaixo: [...] O padre velho Gonçalo, esse nunca apareceu no cais que eu saiba. Fica lá nos batizados dos ricos, nos banquetes, nos casamentos. Ou no enterro de Cremilda: [...] enterro sem padre, deve ser uma das mulheres, será a Cremilda? |

Fonte: BRASIL (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

3.2.1. *Beira Rio*, experiências cotidianas, lugar e identidades espaciais.

Nuno não era a recordação mais viva – era uma das recordações naquela beira de rio, naquela beira de vida. Nuno Jessé, a mãe, a avó, a infância, os passarinhos ameaçados de morte pelo menino peralta, os navios, de Nuno, a barca de Jessé, a morte de Jessé, a mãe bêbada, o dinheiro dos homens, tudo girava pelos mesmos pontos, pelas mesmas curvas. O cais, o cais (ASSIS BRASIL, 2012, p. 35).

O trecho acima pertence à obra *Beira Rio Beira Vida* e evidencia a experiência de um grupo social em determinado espaço. O personagem Nuno respira, sonha e vivencia um lugar. Sendo que este possui cheiro, sons, desejos, vida. Este lugar é o cais, que carrega a esperança e o sofrimento de uma sociedade marginalizada.

A narrativa mostra um retrato insolúvel de uma comunidade sufocada pelo primitivismo capitalista, um mundo em que a sociedade se estratificou implacavelmente, onde, segundo Assis Brasil (2012, p. 5), “as prostitutas são prostitutas, os pobres são pobres, os ricos são ricos [...] quem quiser realizar-se, terá de fugir, terá de ir para fora [...]. O rio pertence aos ricos, às casas pertencem aos ricos, a religião pertence aos ricos”.

Este grupo da população é dotado de experiências de um ambiente marcado pela miséria, prostituição e com baixa expectativa de vida. O cais, apesar de apresentar condições negativas desfavoráveis ao crescimento da vida, configura-se como um ambiente recheado de pessoas esperançosas e com inúmeros desejos.

Até mesmo certos objetos no decorrer da obra são vistos a partir de uma perspectiva de felicidade. Como no trecho a seguir: “A barca esperança apontou na curva do rio cheia de algodão. Correu além do pedaço de cais em construção, onde ficava o armazém dos Moraes – Jessé estava de volta, quanto tempo aquele malandro não dava notícia” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 32).

Deste modo o escritor Assis Brasil na sua obra *Beira Rio Beira Vida* apropria-se do conceito de lugar ao descrever a sintonia do cais da cidade Parnaíba – PI, de maneira pessoal e coletiva. A sua descrição utiliza-se de sentimentos e amarguras vivenciadas naquele lugar, a exemplo do trecho da obra a seguir:

Para alguns [o rio] era descobrimento, expectativa, navios partindo - engraçados com aquela roda traseira – barcas recebendo carga, o porão engolindo tantas sacas. Para outros, aquela era mais uma parte aborrecida da cidade, gentinha por toda parte, ninguém podia andar, sujeira, e respiravam livres quando atingiam o calçamento de volta (ASSIS BRASIL, 2012, p.84).

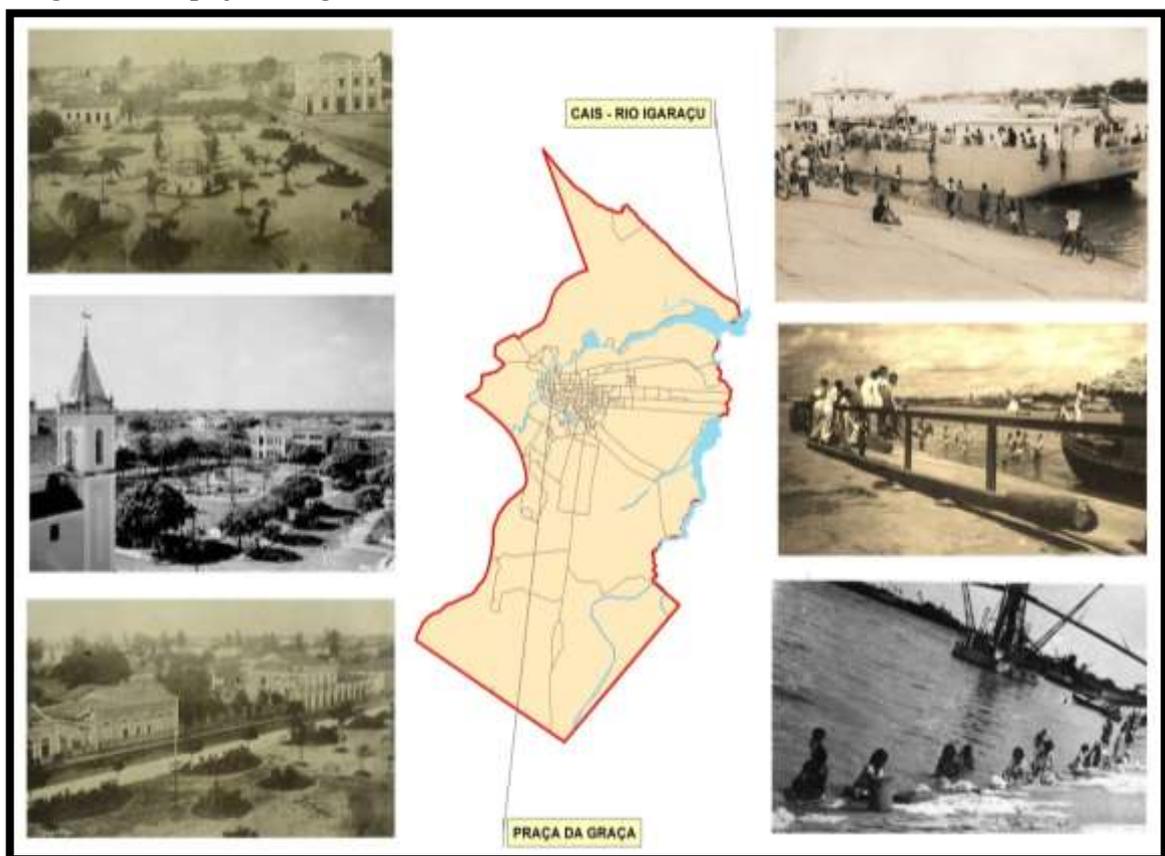
A cidade em destaque nas obras de Assis Brasil era vista, durante a primeira metade do século XX, como um dos principais caminhos de escoamento econômico, político e cultural do estado do Piauí, devido à influência do rio Parnaíba. Nesse contexto, Assis Brasil escreveu diversos romances com uma linguagem crítica social. Mas, com o tempo, percebeu-se um diferencial: a influência dos movimentos urbanos em seus textos. Tal influência ocorreu em virtude do expressivo movimento de urbanização nas cidades brasileiras, em meados da década de 1950. Deste modo, enquanto a população pobre se articula nas margens

do rio para custear sua sobrevivência, seja por meio da pesca, do trabalho braçal e da prostituição, verifica-se, do outro lado, uma sociedade capitalista que propaga um discurso elitista e contra os mais desfavorecidos. Carlos (2008, p. 36) assevera:

Mundializado, o espaço fragmenta-se através de formas de apropriação [...] Deste modo, o espaço fragmenta-se em espaços separados, parcelas fixas, como consequência de uma atividade parcelada fundada no trabalho abstrato. O espaço aparece como mercadoria. Com isto transforma-se, constantemente o lugar e produz-se o estranhamento do lugar com através da perda das referências.

A Figura 5 mostra os dois ambientes assistidos pelos personagens do enredo. Do lado esquerdo da figura, vê-se a Praça da Graça, na cidade de Parnaíba-PI, este meio é a parte central deste espaço urbano.

Figura 7 - Espaços e lugares em *Beira Rio Beira Vida*, de Assis Brasil



Esquerda: Praça da Graça, cidade de Parnaíba - Piauí - Década de 1940. Direita: Cais da cidade de Parnaíba - Piauí - Margens do rio Igarapé.

Fonte: @parnaibadasantigas. Geoprocessamento: Roneide dos Santos Sousa (2016). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

Espaço composto por uma sociedade urbana capitalista que estabelece suas próprias hierarquias, seus estigmas e lugares de tolerância. Carlos (2008, p. 37) descreve o conceito de urbano, baseado em Henri Lefebvre, explicando que esta designação:

[...] permite pensar a ideia do processo de implosão-explosão da cidade, pois de um lado a centralidade se acentua, isto é, o centro ainda representa o locus da administração, da decisão, da organização política da informação, etc. Mas de outro lado assiste-se a constituição de uma pluralidade de centros (culturais, religiosos, simbólicos do mercado, etc.).

A obra se caracteriza como Pós-Modernista, com influência do movimento Regionalista como, aponta Jameson (2006). Para o autor, uma das características desse período literário está relacionada à questão da abertura capitalista, que contrasta sobremaneira a alta cultura e a cultura de massa ou popular. Esta traz de forma extravagante as modificações paradigmáticas, isso porque, até o momento, apenas os elitizados tinham acesso à cultura literária. Esta situação é retratada no seguinte trecho da obra de Assis Brasil (2012, p. 25):

Jessé queria ser, rico, só pensava em juntar dinheiro. Começou com um litro de borboleta, que vendeu para os peixes da pérgola. A Praça da Graça estava sendo reformada, até o Prefeito vinha examinar os trabalhos – abaixava-se dava a mão aos pedreiros, olhava para o fotógrafo sorridente [...] já mandaram providenciar peixes raros, não aqueles bichinhos, sem graça do rio, que empestavam outras praças, viviam morrendo, ninguém ligava. Encomendaria peixes coloridos, azul, vermelho, roxo.

- De onde, dr. Prefeito?

- Da Grécia.

Este fragmento revela a valorização do espaço central da cidade estabelecida pelos gestores públicos da época. Enquanto ocorria uma “fiscalização” presente por parte da prefeitura na Praça da Graça; em outra parte do município, determinadas áreas eram marginalizadas, a exemplo, o cais. Corroborando com esta ideia, tem-se o pensamento de Carlos (2008, p. 09) ao destacar que:

A urbanização coloca [...] problemas atuais, produz-se em função das exigências em matéria de comunicação, de deslocamentos os mais variados e complexos criando uma hierarquia de lugares. Os problemas atuais postos pela urbanização ocorrem no âmbito do processo de reprodução da sociedade.

Observa-se que o autor do enredo realiza uma ruptura com a literatura tradicional. Constata-se um texto escrito e recheado em meio a críticas, elogios, alegrias e tristezas. Esta

ruptura construída pelo pós-modernismo trouxe para a literatura o desapego cultural, ou seja, os poetas deixaram de escrever textos inéditos para reproduzir textos alheios ou bibliográficos, explorando o espetáculo da vida de si e dos outros, a exemplo da obra pesquisada. *Beira Rio Beira Vida* dialoga sobre o espaço de vivência de um determinado grupo social marginalizado por uma sociedade e resgata, até mesmo, memórias do próprio autor.

Deste modo, verifica-se a experiência de um grupo marginalizado por uma sociedade que prioriza apenas prestígio e o capital. Esta parte da sociedade, caracteristicamente conservadora, vê os demais que vivem em torno no cais como se fossem sujeira que pode poluir fisicamente e moralmente seu ambiente de vivência.

Logo, para manter esse lugar higienizado, era necessário manter esse povo afastado da área central da cidade. O trecho a seguir exemplifica a dificuldade enfrentada pelas pessoas que viviam nas mediações do cais:

Eles disseram que meu dinheiro não dá. Pra quê? Pra comprar uma casa aqui na cidade. Sei que é mentira, eles não querem é me vender. Um ainda disse: 'Mesmo a senhora não pode se mudar pra cidade. Foi o que um deles disse, Luíza, e os outros acharam graça (ASSIS BRASIL, 2012, p.41).

Segundo Carlos (2008), a produção do espaço deve ser entendida sob uma dupla perspectiva. Ao mesmo tempo em que se processa um movimento de mundialização da sociedade urbana, como decorrência de um processo de homogeneização do espaço, produz-se e acentua-se o processo de fragmentação tanto do espaço quanto do indivíduo. Este processo se manifesta no plano do vivido, no lugar onde se desenrola a vida humana (CARLOS, 2008).

Vale lembrar que esse plano vivido manifesta-se por meio das experiências cotidianas do autor, dos personagens que constroem sua identidade devido a um elemento, o rio. Assis Brasil pensa em sua Parnaíba, nos tombos de rio, nos mistérios dos casarões de pedra e cal e nas brincadeiras de luar (ASSIS BRASIL, 2012).

Observa-se, em *Beira Rio Beira Vida*, mais do que experiências cotidianas dos personagens. Nota-se um envolvimento do autor com a respectiva obra, como se o escritor fosse um dos personagens. O espaço (cais) na obra possui um papel relevante para os personagens, tendo em vista que ele é responsável pela construção do cotidiano e dos sentimentos do lugar, além da alegria, angústia, sofrimento e sonhos. Segundo Lefebvre (1991, p. 35):

Tratando-se de cotidiano, trata-se portanto de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial [...] o conceito torna-se o fio condutor para conhecer a sociedade, situando o cotidiano no global.

O *Beira Rio* é o espaço físico e psicológico, do cotidiano social-econômico-cultural, deste grupo marginalizado. É a principal porta de entrada e saída de riquezas da cidade, contudo, nele vê-se a miséria de uma população que tem como projeto de vida apenas a força do trabalho e a crença por um futuro sem horizonte. Cada personagem busca, ao cais e ao rio, toda a circunstância sofrida em sua vida. O rio faz parte de suas vivências, cada personagem entra em detalhes sobre ele, como se pode constatar no trecho a seguir.

As tardes sempre paradas quando o rio baixava, sentava-se na beira do cais, a água no tornozelo, fria e suave, mais tarde a tocar a ponta dos dedos, até ficar a um palmo ou dois de distância, espumando, correndo. O rio enchia e secava, e ela nas pedras mornas [...] (ASSIS BRASIL, 2012, p. 17).

Esse cotidiano é construído pelo indivíduo que, por sua vez, segundo Patto (1993), é sempre um ser particular e ser genérico (por exemplo, as pessoas exercem atividade - uma tarefa do gênero humano, mas com motivações reservadas; têm sentimentos e paixões - manifestações humano-genéricas, mas os manifestam de modo particular, referido ao eu e a serviço da satisfação de necessidades e da teleologia individuais. Portanto, é possível perceber que o pensamento referente ao conceito de cotidiano está interligado ao lugar geográfico. Santos (1996, p. 258) discorre que:

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições cooperação e conflito são a base da vida em comum... o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Assis Brasil (2012, p. 18) retrata o cotidiano do cais a partir do movimento do cais: “Mesmo vinte anos mais tarde ou quarenta, continuaria pelas tardes do cais – as barcas de algodão e arroz se repetindo, os navios que iam crescendo, tomando novas cores, para lá e para cá, as canoas deslizavam magras e serenas”. Segundo Holzer (1999, p. 71),

O espaço e o lugar definem a natureza da geografia. Mas o lugar tem uma importância ímpar para a geografia humanista, pois, se para as técnicas de análise espacial o lugar se comporta como um nó funcional, para o

humanista ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um - a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço - como estruturação do espaço mítico-conceitual.

Percebe-se, na obra, um conflito de gerações, marcada principalmente pelas ações cotidianas no cais parnaibano. Cais este que era a principal entrada e saída de capital da cidade de Parnaíba, como mostra o trecho a seguir.

O silencio vinha do rio.
 – Parnaíba está crescendo.
 – Só cresce lá pra cima, na parte mais plana. Estão até construindo uma nova Parnaíba.
 – Daqui a alguns anos como será tudo isso?
 – Eu queria ver, eu queria ver.
 – Eu também. Nuno não voltou para ver a mudança – o desprezo pelo cais velho, lugar de perdição, cheio de rapariga. (ASSIS BRASIL, 2012, p. 20)

Este espaço era importante para as relações diárias, pois era responsável pelo refúgio de alguns personagens, como destaca Assis Brasil (2012, p. 24):

Correu para o cais, ultrapassou as pedras, ali haveria calma sempre no meio século de sua vida. As canoas velhas, paras serem remendadas, redes de pescar estendidas, um apito distante, um grito – testemunhas monótonas. Nada mudaria. Mundoca gostava da canoa verde e nunca teria filho.

Também deve-se enfatizar, aqui, a “Topofilia” como um conceito impresso pelo geógrafo Tuan para mencionar a conexão do afetivo que há entre as pessoas e o meio. Embora complexo enquanto conceito, facilmente é identificado na experiência e na obra em questão. A relação homem-ambiente é atravessada por afetos que vão transformando o espaço em cultura: Uma construção humana. O lugar é uma dessas construções, o que é perceptível na relação entre o cais e os personagens.

3.2.2 *Beira Vida* e a marginalização da vida

Ao expor o cotidiano do cais, Assis Brasil (2012) revela um conceito de modernização atrelado à higienização. Preocupada com disseminação de doenças no espaço urbano e em afastar da sociedade as figuras antimodernistas (pobres, leprosos, prostitutas), a elite criou espaços próprios para o exercício de sua sociabilidade. Esta elite também se apropriou do discurso higienista para segregar os pobres e os doentes, isto é, a fim de se separar da parte pobre da cidade.

A segregação do espaço urbano é produto e produtora do conflito social, é marca de uma sociedade que estabelece suas hierarquias, seus estigmas e lugares de tolerância. A topologia simbólica representada pelo cais de Parnaíba, no período abordado, é exemplo desta tentativa de separação, na qual cada grupo devia permanecer em seu espaço, e cada prática devia ajustar-se ao processo geral de reconhecimento e conveniência própria do lugar social.

Este espaço foi responsável pela formação psicológica, cultural e econômica de uma geração familiar formada por Luiza, Cremilda e Mundoca (avó, filha e neta, respectivamente) e por personagens secundários como Jessé e Nuno. Cada personagem, marginalizado por uma sociedade, como mostra os quadros de números 4 a 8, possui uma visão diferente em suas perspectivas de vida, apesar de vivenciarem estarem ancorados ao mesmo espaço, o cais.

Quadro 4 - Experiências e Identidade Espacial - Cremilda

| | |
|---|---|
| Personagem | Cremilda |
| Parentesco | MÃE (Mãe de Luiza) |
| Experiências e Identidade Espacial | <p>Mãe de Luíza, prostituta, vaidosa, ambiciosa, e, às vezes, cruel. Tenta vagamente romper as amarras que a prendem ao cais e à prostituição, por meio da nomenclatura de “empresária”. Torna-se comerciante (usina de beneficiar arroz e o armazém), por meio de uma herança do velho Santana. Mas foi enganada por um amante e perde tudo. Mas, Cremilda fogia do modelo padrão de senhora estabelecida pela sociedade parnaibana; visto que a mesma não atendia a um conjunto de regras de conduta em nome da moral e dos bons costumes deste grupo.</p> <p>Toda construída a partir das reminiscências dialogais de sua filha Luiza, é, do ponto de vista literário e humano, uma criação magistral. Seus diálogos com Jessé tem uma autenticidade pungente.</p> |

Fonte: Beira Rio Beira Vida (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

É visível o grau de marginalização sofrido por Cremilda (Quadro 4) e alguns moradores residentes nas margens do rio. No trecho abaixo Assis Brasil (2012, p. 39), é possível verificar que Cremilda destaca-se nesse cenário de preconceito associado à questão da prostituição:

Deve ter pensado nisso, mas é fácil desistir quando ninguém ajuda. E, ela, tua avó (Cremilda) – você conheceu bem a velha – nunca ajudou uma só alma. Por isso Jessé parece ter se vingado dela quando soube que o armazém tinha ido a leilão pra pagar as dívidas [...]

- A senhora vai na cidade? – perguntei

- Vou comprar uma casa para nós. Vai, Luiza, não deixa ninguém te ver. Sai e esperei na ponte [...]

- Mãe, cadê suas coisas?

- Mostrei a eles que não faço empenho de nada, “olhem aqui – eu gritei – vou me embora com a roupa do corpo, fica tudo ai pra vocês taparem o

rombo da mãe. Vamos a cidade, Luiza. Onde está o dinheiro? Vai ficar todo mundo cumprido no meu dinheiro, você vai ver.

Na praça da Graça tinha um bando de chofer que ficou olhando “errou o caminho de casa, Cremilda?” Ela me puxava pela mão, “não olhe para trás”, ia apressado e foi direto num casa de escada branca, toda cheia de quadro”.

(ASSIS BRASIL, 2012, p. 39)

Observa-se que na literatura pós-moderna, “a ficção e a história são considerados discursos contextualizados. São ambas, sistemas de significação pelos quais se dá sentido ao passado” (CARVALHO, 2000, p. 81). No caso do romance *Beira Rio Beira Vida*, este centra-se na personagem Luiza, mulher que possui identidade construída a partir das imagens e opiniões de sua mãe, Cremilda, e das influências que o cais parnaibano tende a lhe ofertar.

A partir do momento em que Luiza tem uma filha, Mundoca, fruto de um amor exacerbado que a personagem possuía pelo marinheiro Nuno, ela buscará para a sua filha uma experiência de vida diferenciada das gerações da sua família. Neste contexto, Luiza, filha de Cremilda, possui uma criação conjunta com Jessé, no cais. Ela é companheira de brincadeiras à beira do rio e nas atividades no armazém. Estava marcada pelos sinais do cais: ficaria gestante de um marinheiro, como todas aquelas mulheres que moravam na beira do rio Igaracu (Quadro 5).

Quadro 5 - Experiências e Identidade Espacial - Luiza

| Personagem | Luiza |
|------------------------------------|---|
| Parentesco | Personagem Central |
| Experiências e Identidade Espacial | <p>É uma espécie de barro original, a partir do qual são formados os outros personagens. Seu sonho, sua luta, é a evasão pelo amor, num meio em que o amor tem câmbio específico.</p> <p>Isso para dar e entender que o emprego arranjado pelo marido veio salvar tudo, resolver tudo. Qual. Com tanta alegação era preferível não ter arranjado nada, a gente passava. Muito antes, você sabe. Mundoca. Muito antes, você se lembra, a gente arrancava peixe lá na ponta do igarapé. Você fez até uma rede pra pegar camarão, e quando não vendemos. Dava pouco dinheiro, mas eu nunca tive boca grande, nem você. E até que era divertido, hein, Mundoca?</p> <p>Cada um tinha a sustância de dois, carregando o dia inteiro saca de arroz, fardo de algodão, quatro arroba de carnaúba de uma vez.</p> <p>O cais lá estava o mesmo, retratado no mesmo barulho de todas as noites: a sineta de um navio-gaiola que partia, o grito de um barqueiro na escuridão do rio - gargalhada das mulheres, a eternidade de suas vidas que lembrava tanto.</p> |

Fonte: *Beira Rio Beira Vida* (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

Mesmo sem saber, vadiaria pelo cais. Por sua vida, passariam muitos homens. Luíza não questionava sua condição de moradora do cais, sua vivência foi condicionada a presenciar o cotidiano espaço. Luiza tinha na gravidez da filha, Mundoca, uma espécie de alforria, devido à partida de Jessé, quanto à convivência repleta de ignorância de sua mãe, Cremilda. Depois de Nuno (pai de sua filha), outros indivíduos passaram pela vida de Luíza, que se prostituía para obter seus rendimentos, seguindo os mesmos passos de sua mãe, porém de forma mais discreta. O narrador afirma que Luiza:

Queria fazer dinheiro, sim, e encontrara um ramo de negócio sem nunca haver pensado nele, talvez o único ao seu alcance [...]. Sua primeira noite, aos 15 anos de idade, a empolgara, percebia que dialogava agora com sua mãe de igual para igual. [...]quanto tempo você está na vida? Desde que nasci, ora. Eles achavam graça, se sentiam superiores. Era bem isso: eles se sentiam superiores, por que simplesmente a usavam (ASSIS BRASIL, 2012, p. 104).

Mundoca (Quadro 6), filha de Luiza, nasceu com aspectos que desagradavam, principalmente, sua avó, que a tratava com desgosto, até por mesmo, por não considerá-la prestável para continuar a herança da prostituição que a família possui. Essa menina possuía características, principalmente de sua avó (Cremilda), e a principal delas era a ignorância.

Quadro 6- Experiência e Identidade Espacial - Mundoca

| Personagem | Mundoca |
|---|--|
| Parentesco | Filha de Luiza |
| Experiências e Identidade Espacial | <p>Não sai do limbo criador – como se estivesse fora do foco do romancista. É apenas o elo quebrado de uma cadeia. Nela se conclui o processo através do qual uma sociedade petrificada elimina as sementes inúteis.</p> <p>As tardes sempre paradas quando o rio baixava, sentava-se na beira do cais, a água no tornozelo, fria e suave, mais tarde a tocar a ponta dos dedos, até ficar a uma palmo ou dois de distâncias, espumando, correndo.</p> <p>Eram os dias iguais numa cadência plana. Não pensava em crescer, em ficar mulher, não pensava em nada – estranho. Jessé era as vezes o despertador de pequenas preocupações. Vivia entre aquele jantar suntuoso, os vestidinhos de Ceci, o rio e as ligeiras fugas de Jessé pelo capinzal – ali estava o mundo largo de seus passos.</p> <p>Correu para o cais, ultrapassou as pedras, ali haveria calma sempre no meio século de sua vida. As canoas velhas, para serem remendadas, redes de pescar estendidas, um apito distante, um grito – testemunhas monótonas. Nada mudaria, Mundoca gostava da canoa verde e nunca teria filho.</p> <p>Muito antes, você se lembra, Mundoca, a gente arrancava peixe lá da ponta do igarapé. Se a gente quisesse roupa pra lavar, não faltava freguesia. E emprego? O dono do bar Mundico está ai mesmo pra confirmar. Voce não quis, na cidade era melhor, era uma loja com muita fazendo bonita, podia até</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>ganhar vestido.</p> <p>Pela primeira vez ela via Jessé na altura do seu ombro: espantou-se, lembrou-se como das correrias pela margem do rio [...] A Esperança veio abarrotada de algodão [...]</p> |
|--|--|

Fonte: Beira Rio Beira Vida (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

Tuan (2013) afirma que cada pessoa começa como uma criança e, com o tempo, do confuso e pequeno mundo infantil, surge a visão do mundo adulto, subliminarmente também confusa, mas sustentada pelas estruturas da experiência e do conhecimento conceitual. Porém, Mundoca tendia a estabelecer relações com outros espaços, ela podia ser a possível pessoa a desviar a herança de sua família. Um dos fatores que contribuiria para esta mudança certamente seria o convívio na cidade, mais especificamente, no trabalho no armazém do seu padrinho. O outro fator responsável seria a questão estética. Segundo sua avó, Mundoca era feia e tinha mal cheiro, dificultando sua atração por qualquer homem. Apesar de residir nesse mesmo espaço, Cremilda, Luiza e Mundoca tinham olhares diferentes sobre esse espaço. Neste sentido, Cavalcante (2012, p. 06) destaca que:

Os espaços geográficos não são os mesmos para todas as pessoas. A estabilidade das pessoas em determinados espaços, a forma peculiar com que elas o ocupam, os sentidos que vão sendo atribuídos ao longo do tempo a esses espaços, tudo isso participa de um processo pelo qual os espaços deixam de ser uma delimitação topológica e, tocados pelos afetos, vão ganhando uma nova configuração que transcende ao seu aspecto material.

Assim como Mundoca, Jessé (Quadro 7) tinha suas pretensões. Seus sonhos acabaram por se transformar em tragédia, com sua morte. Criado desde criança por Cremilda, Jessé teve uma infância difícil, vinculada apenas ao trabalho diário no Armazém de sua mãe. Mas, tinha vontade de crescer na vida, principalmente por meio do estudo. Entretanto, devido à ausência de condições que o levassem à sala de aula e devido ao seu meio familiar, seu desejo era transformado em piada frente à população que residia no cais.

Jessé almejava uma vida confortável na cidade. Porém, para alcançar este objetivo, teria de enfrentar o muro simbólico que estava diante de seus sonhos. Naquele período, a educação era preocupação quase que exclusivamente da elite parnaibana, como retrata no trecho a seguir:

Dona Cremilda, eu queria estudar. Pra que menino? Ora eu queria. Ela saiu de perto do pilador barulhento, pegou Jessé pela mão, foi bem pro meio do armazém, e gritou pra todo mundo ouvir: Olhem aí, querendo ser doutor, passar por gente rica (ASSIS BRASIL, 2012, p.39).

Devido ao meio em que viviam, suas possibilidades de crescimento estavam resumidas. Jessé tinha algumas maneiras de crescer na vida, poderia ser um canoeiro ou talvez um marinheiro. Mas algo lhe prendia para sempre: o rio.

Naquele momento ele [Jessé] soube Mundoca, que só poderia ser um embarcadiço ou um canoeiro, quando muito um marinheiro de algum navio-gaiola, ou coisa nenhuma se continuasse naquele armazém de puta, como ele falava. Sei que queria estudar não para abandonar o rio- sua grande paixão- e as embarcações, mas pra conhecer melhor de tudo um pouco. Nunca abandonaria o rio e, quem sabe? Estudando poderia ser até comandante de uma gaiola (BRASIL, 2012, p. 43).

Quadro 7 - Experiências e Identidade Espacial - Jessé

| | |
|---|--|
| Personagem | Jessé |
| Parentesco | Irmão de Luiza |
| Experiências e Identidade Espacial | <p>Sofrido e patético - alimenta a quimera de uma ruptura com o meio, e é por ele destruído.</p> <p>É a segunda figura do livro, Jessé que espera o milagre de salvar-se com o pequeno dinheiro, com os niqueis, numa sociedade que simplesmente o ignora.</p> <p>Jesse começou a combinar tudo, era inverno, as borboletas brancas estava chegando, ficavam atordoadas em volta das lâmpadas, voavam sem rumo [...] Em casa ascendiam todas as luzes, escancaravam as portas e janelas para o rio, de onde vinham em pencas as borboletas brancas [...] Jessé corria até o cais para espantar as borboletas, que misteriosamente pareciam sair da água escura.</p> <p>Jessé também nasceu na beira do rio Parnaíba, Mundoca. Não se lembra dele, você ainda estava aqui no bucho. Mas Jessé me viu de barriga. Será que foi ciúmes aquilo que ele sentiu? Queria remedia tudo, coitado.</p> <p>Jessé queria ser rico, só pensava em juntar dinheiro. Começou com um litro de borboleta, que vendeu para os peixes da pérgola. A Praça da Graça estava sendo reformada, até o prefeito vinha examinar os trabalhos – abaixava-se, dava a mão aos pedreiros, olhava para o fotografo sorridente.</p> <p>Jessé foi o primeiro a lhe dar presentes – cordas de peixes, uns bem miudinhos, que serviram mais para brincar do que para comer, espelhos de reclame, os cacos de vidros os mais bonitos. Marreca não dava, porco não dava, custavam dinheiro.</p> <p>Por que Jessé não ficou daquela vez? A mania do rio, a mania de ganhar dinheiro. Teria tudo sido diferente? Qual. Naquela fase das primeiras emoções e curiosidades, não vacilaria em trocar Jessé por Nuno, se tivesse de escolher. Mesmo não pensou no assunto em relação a Jessé – até ali ele fora um simples irmão, um companheiro do rio, das descobertas.</p> |

Fonte: Beira Rio Beira Vida (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

Luiza, apesar de estar ligada intimamente com a prostituição, teve sentimento único por uma pessoa. Pelo caráter viajante do personagem nota-se que Nuno reflete de um personagem ausente de identidade, e conseqüentemente se caracteriza como não-lugar, em que este não possuía identidade/vivência com o cais. Nuno (Quadro 8), de acordo com o trecho abaixo:

Você nasceu, Mundoca, passei a esperar por Nuno, ela morreu, todos os marinheiros e embarcações tiraram o boné quando ela passou pelo cais. A casa está maior, você disse quando eu voltei do enterro, os marinheiros tinham mais liberdade, no lugar da rede suja dela uma rede branca de varanda bordada. Eles viam pela porta você dormindo como uma pedra, eles se admiravam, tua filha não sabe? Tua filha não é da vida? [...] Como você Mundoca, tudo foi diferente desde o começo, Deus te abençoe. Nada com os homens (Brasil, 2012, p. 28).

Quadro 8 - Experiências e Identidade - Nuno

| | |
|----------------------------------|---|
| Personagem | Nuno |
| Parentesco | Primeiro amor de Luiza |
| Experiências e Identidade | Primeiro homem de Luíza, seu único amor. Aventureiro, corria o mundo, temia envelhecer, tornar-se inútil. Um dia desapareceu para não mais retomar. |

Fonte: Beira Rio Beira Vida (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

Beira Rio Beira Vida, mais que um romance, é um registro geográfico que apresenta possibilidades variadas de visualização de um espaço e de um lugar marcado pelos contornos hierárquicos de uma sociedade rigidamente compartimentada, cujos efeitos se exprimem na marginalização dos valores humanos.

Francisco de Assis Almeida Brasil reconstrói histórias vividas no cais, espaço importante para o autor e os demais elementos da obra. O cais e o rio são os principais movimentos de *Beira Rio Beira Vida*. Cais este que mostra o viver dos trabalhadores na cidade de Parnaíba. *Beira Rio Beira Vida* é o resultado da percepção de uma sociedade desigual e marcada pela prática da prostituição, características evidenciadas nas lembranças da personagem Luíza, as quais constroem o romance.

Há na obra dois espaços distintos: o cais e o meio urbano central. O cais é frequentado e habitado por personagens que estão na *Beira Vida*, marginalizados. É um lugar visto a partir de uma perspectiva negativa pela sociedade conservadora, ou seja, como um lado negativo da cidade. Neste local, os personagens são considerados incapazes de interações com outros meios como se estivessem "presos" ao ambiente da vivência. Em contrapartida, o espaço urbano central da cidade é visto de maneira positiva e é habitado por

uma sociedade conservadora. Portanto, estes dois lugares mostram-se bastante distintos em vários aspectos, sejam eles: econômicos, sociais, intelectuais e/ou culturais.

Nesta relação, observa-se também a valoração da experiência humana na compreensão do lugar geográfico. Afinal, os personagens do romance *Beira Rio Beira Vida* são a condição humana para a existência do espaço geográfico, seja por experiências ou sentimentos.

A análise desta obra é enriquecedora por possuir um ideal subjetivo e imaginário na caracterização do lugar geográfico, em que o homem adquire experiência a partir da vivência no lugar. De acordo com esta perspectiva, a visão subjetiva fortalece a expressão do homem a partir da contribuição cultural, da valorização da afetividade e da construção da identidade espacial.

Por isso, consideramos que a obra de Assis Brasil, *Beira Rio Beira Vida*, pode contribuir para a compreensão da identidade humana (mediante experiências vividas pelos personagens), bem como para o entendimento do sentido de lugar geográfico que se faz presente.

O sentido de lugar expresso nesta obra literária, na qual o autor descreve o seu ambiente de vivência de maneira subjetiva, utilizando-se um discurso repleto de sentimentos envolvendo seu lugar. Diante dessas considerações, a presente pesquisa poderá servir de subsídio teórico e metodológico para pesquisadores nas áreas de Geografia, Literatura e afins, principalmente quanto à compreensão do sentido de lugar existente, tendo por base um olhar geográfico sobre a obra.

4 CONCLUSÃO

No estudo apresentado, buscou-se compreender o sentido do lugar geográfico na obra *Beira Rio Beira Vida*, de Francisco de Assis Almeida Brasil, com base nos aportes fundamentos teóricos da Geografia Humanista e Geografia Cultural. Acredita-se que a pesquisa desenvolvida servirá de subsídio para práticas vinculadas à ciência geografia e à arte literária, assim como outros estudos que realizam uma abordagem humanística e cultural geográfica.

A investigação do lugar geográfico em *Beira Rio Beira Vida* de Assis Brasil foi realizada a partir dos relatos da experiência do autor e de seus personagens no cais parnaibano. Ademais, observaram-se as inter-relações existentes entre o homem e o seu meio, mediante um estudo do lugar e espaço de vivência. Em resumo, a pesquisa teve como base de análise e estudo o conhecimento do próprio homem, advindo de sua cotidianidade, identidade, experiência e vivência no mundo.

Diante das discussões levantadas, conclui-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento auxilia na ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas. Com a Literatura, pode-se analisar e compreender o espaço geográfico e suas categorias. O estudo do espaço retratado nos livros literários, em seus conteúdos, não traz apenas um perfil de subjetividade, mas um perfil dotado de pertencimento e experiência entre o autor e seus personagens.

Dessa forma, verificou-se que a obra *Beira Rio Beira Vida* descreve contextos que permitem a identificação das questões sociais vivenciadas em um dado período, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, contribuindo assim para a promoção de releituras do espaço (cais e a cidade de Parnaíba), a partir de perspectivas com objetivos específicos, mas complementares.

Observa-se também que o autor faz analogia, ou seja, realiza comparação entre o título *Beira Rio Beira Vida* e as peculiaridades do lugar e da identidade pessoal dos atores. Dessa forma, *Beira Rio* relaciona-se com o cais, e *Beira Vida* está intimamente ligada ao lugar, ou seja, à construção da identidade, com base em tudo que está em volta. Estas duas dimensões não se separam: são partes integrativas de uma mesma realidade.

Portanto, verifica-se que a obra descreve contextos que permitem a identificação da vivência dos personagens em um dado lugar e em diferentes recortes temporais. Com isso, é

possível uma leitura de processos que se efetivam no plano da realidade espacial, palco das cenas da obra investigada.

A busca pela interdisciplinaridade faz-se cada vez necessária porque torna as discussões contextualizadas. Assim, ocorre um aprimorado desenvolvimento na abordagem das diversas áreas do conhecimento. A aplicação de olhares/leituras/práticas interdisciplinares é cada vez mais indispensável seja qual for a área do saber, em virtude da necessidade do homem em utilizar o conhecimento apreendido nas relações no seu cotidiano.

Por fim, deve-se enfatizar que tanto a metodologia utilizada na pesquisa como as bibliografias consultadas e citadas na fundamentação teórica propuseram a realização integralmente dos objetivos propostos nesta pesquisa, pois, os resultados obtidos foram e estão em concordância com as colocações teóricas e metodológicas realizadas até o momento, seja por pensadores ligados à Geografia e Literatura ou por outros de áreas afins.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ATHAYDE, Félix. **Ideias Fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Biblioteca Nacional / Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.
- BARCELLOS, Frederico Rosa. Espaço, lugar e literatura – o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do rio de janeiro. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 25, jan/jun. 2009.
- BARROS, Aidil J. da Silveira; LEHFELD, Neide A. de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- _____. Título original: **L' Analyse de Conremt** © Presses Univcrsitaires de France. 1977
Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro Capa de Edições 70.
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: CASTRO, Iná Elias. GOMES, Paulo César da Costa. CORREA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-132. (Série Geografia Cultural, v.3).
- BOSSÉ, Mathias Le. (2004). As Questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BRASIL, Assis. **Beira Rio Beira Vida**. Teresina: Fundação Quixote, 2012.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2007, p. 17-77.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas geográficas**. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. Campo de movimento y sentido del lugar. In: RAMÓN, M. D. G. (Org.). **Teoria y método en la geografía anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985.
- CARLOS, Ana Fani. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani; SOUZA, Marcelo Lopes. de; SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. Contexto: São Paulo, 2012. p. 53-74.
- _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CAPEL, Horácio. **Geografia, Ciência e Filosofia: Introdução ao pensamento geográfico**. Organização de Jorge Guerra Villalobos. Maringá: Massoni, 2008.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson et al. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. UFSC, 1999.

_____. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 147-166.

_____. **Terras dos Homens: a geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: _____. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 11-36.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____; _____. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____; _____. **Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.v.4.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DA COSTA E SILVA, Antônio Francisco. **Sangue**. Recife: Livraria Francesa, 1908.

DA SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 133 p.

DARDEL, Erick. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Wether Holzer. São Paulo. Perspectiva, 2011.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **A Relação Cidade - Campo no Romance o Moleque Ricardo de José Lins do Rego**, 2012. 137f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

FOGGETTI, Mara Janaína. **Fado e morte na tetralogia piauiense**: uma estética da miséria humana. Londrina, 2006, 111f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 12 reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. T. da Silva, G. L. Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo. Ática, 1992.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista - Sua trajetória de 1950 – 1990**. 1992, 548f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. Geografia Humanista: uma revisão. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ. Edição comemorativa, p. 137-147, 2008.

_____. Mundo e lugar: ensaios de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Textos Filosóficos. São Paulo: Edições 70, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Mapas digitais**, 2010. Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais>. Acesso em: 15 jul. 2016.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org). **Perspectivas geográficas**. São Paulo: Difel, 1982.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Principes de Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1921.

LEITE, Jhonatas Geisteira de Moura. O Cais Parnaibano em Beira Rio Beira Vida, de Assis Brasil: Um Espaço Híbrido. In: JORNADA DE ESTUDOS EM LITERATURAS E CULTURAS IBÉRICAS, 4., Teresina, 2010. **Anais...** Teresina, 2010. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/o-cais-parnaibano-em-beira-rio-beira-vida-de-assis-brasil-um-espaco-hibrido.html>> Acesso em: 15 maio 2016.

LEOPOLDINO, Maria Solange Almeida de Deus. **Beira Rio Beira Vida de Assis Brasil**: no discurso regionalista (des)articulado na falta da prostituta o (des) velamento da violência social da existência marginalizada. Florianópolis, 1985, 139f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.

LIMA, Tiago Caminha de. **2 fotografias color. digitais**, Amarante, 2008.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Estudo aponta que literatura piauiense se manifesta a partir do início do século XX. **Sapiência**, v. 4, n. 11, p. 4, 2007.

MAIA, Doralice Sátyro. REGO, Nelson. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. KAERCHER, Nestor André. Uma leitura geográfica da obra de José Lins do Rego. **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v.34, n.3, p.487-508, set./dez. 2009.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográficos em criações romanescas**. Florianópolis: UFSC, 2002.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, Erika Vanessa. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**. v. 2, n. p. 48-60, 2004.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez.2007.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 3-16.

OLIVEIRA. Soraya Castro de Lima. A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação. SEMANA DE GEOGRAFIA, 3., SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, 6., IFF - Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

PARNAIBA DAS ANTIGAS. **6 fotografias P&B digitais**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/parnaibadasantigas/?fref=ts>>. Acesso em: 15 Jul. 2016.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

ASSIS Brasil: um piauiense que transformou a literatura brasileira. **Sapiência**. Teresina, FAPEPI, n. 11, p. 6-7, mar. 2007.

SANTOS, Milton. A. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**; 6.ed., 1. reimpr.. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo. Hucitec, 1988.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26.

SONDRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1985.

SOUSA, Andréia Aparecida Moreira. **Geografia e Literatura**: A representação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de brasigóis Felício. Goiânia: Kelps, 2010.

SOUZA, P. M. Entre história e ficção: a Parnaíba de “Beira rio beira vida”. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 16. Rio de Janeiro, 2014. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014. Disponível em http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1395444233_ARQUIVO_Anpuhrio.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

TUAN, Yi-Fu **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 2013.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.